



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Antônio Feijó
Sol de Inverno



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Sol de Inverno

Antônio Feijó



Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1915.

Livro Digital nº 1051 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

Poesia - Literatura Portuguesa.

Antônio de Castro Feijó
(1859-1917)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

CASTRO ALVES

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de *retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*. Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual. O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo. Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem

os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do Projeto Livro Livre sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o Projeto Livro Livre não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

IBA MENDES

ÍNDICE



ALGO MAIS: Antônio de Castro Feijó.....	1
Prefácio, por Luís de Magalhães.....	4
Antônio Feijó, o que morreu de amor.....	23
À minha mulher (Dedicatória).....	35
Elegia de abertura.....	36
Descendo a encosta do Parnaso.....	37
A cidade do sonho.....	40
Beatitude amarga.....	41
Castelo bárbaro.....	42
A águia prisioneira.....	44
A selva escura.....	45
O Livro da Vida.....	46
Díptico.....	48
Paladinos.....	49
Cabelos brancos.....	50
Sonâmbula.....	52
Cisne branco.....	55
Súplica ao vento.....	56
Gota de água.....	58
A Ventura.....	59
Entre pinheiros e ciprestes.....	59
Rio amargo.....	61
Hino à Vida.....	62
Hino à Beleza.....	64
Hino à Dor.....	66
Hino à Alegria.....	66
Hino à Solidão.....	69

Hino à Morte.....	71
Epilogo.....	73

LENDAS E FÁBULAS

Prelúdio.....	74
O Amor e o Tempo.....	75
Fabula antiga.....	75
Cleópatra.....	76
Mouro e cristã.....	77
A resposta do árabe.....	77
A vocação de Ibrahim.....	78
A princesa encantada.....	80
O romance da pastora linda.....	82
A lenda dos cisnes.....	84

ANTÔNIO DE CASTRO FEIJÓ

22/07/1917:

Faleceu na cidade de Estocolmo Sr. Antônio de Castro Feijó, ministro de Portugal junto ao governo da Suécia.

Estão de luto as letras pátrias. Antônio Feijó foi um alto poeta da escola parnasiana, que, em Portugal, teve um limitado número de cultores, podendo dizer-se que apenas quatro são dignos de registro: Gonçalves Crespo, João Penha, Antônio Feijó e Luís de Magalhães.

Da personalidade do poeta transcrevemos abaixo o belíssimo artigo de Alberto de Oliveira, digno cônsul geral do Portugal, do seu livro "Pombos Correios". Ei-lo:

"As duas idades poéticas do homem são como os dois momentos poéticos do dia: a madrugada e o poente. Aos vinte anos a musa chama-se a Ilusão; aos cinquenta o seu nome é Saudade. Uma e outra inspiram aos poetas os seus mais duradouros versos. Sonhar e recordar são atitudes naturais da poesia. A tarefa e a idade de realizar, esse cru meio-dia da nossa vida, é que são do domínio mais estéril da prosa.

Assim filosofava eu há poucas horas, depois de ouvir ler ao meu amigo Antônio Feijó alguns dos mais belos poemas do seu próximo livro. Antônio Feijó não precisa de ser recomendado ao público brasileiro, que o conhece e admira tanto, pelo menos como o seu país natal. Tenho por isso dobrado prazer em anunciar ao Brasil que

o poeta da "Ilha dos Amores" e do "Cancioneiro Chinês" acaba de escrever, na minha muito humilde opinião, a sua melhor obra.

Os versos de Antônio Feijó foram sempre de estirpe latina, ou, melhor ainda, de estirpe grega: luminosos, sonoros, de substância. A palavra neles ajusta-se à ideia, vestindo-a e modelando-a, como a pele à carne. Equilíbrio no pensamento, pudor e dignidade no sentimento, gosto e medida, ritmo e transparência, horror da retórica, imagens que pintam e adjetivos que esculpem. Feijó só por engano é que não nasceu no século XVI, entre os seus mais cultos humanistas. Quando o ouço conversar, contar, folhear a sua memória como uma enciclopédia inesgotável, julgo ter em frente de mim uma espécie de Pico della Mirandola das letras, a quem as famosas novecentas teses "de omni re scibili" colheriam desprevenido.

O seu novo livro foi escrito numa idade que está, felizmente, longíssimo de ser a da velhice, mas que é já a da experiência, da filosofia e da saudade. O poeta, não só leu tudo, mas viveu tudo o que leu. Cada conceito exala éteres finos, como os dos grandes vinhos e licores depurados por longos anos de frasca. A linguagem e a técnica perderam ainda os mais leves restos de artifício e não acusam uma ruga que lhes intercepte a limpidez. A abundância e riqueza dos assuntos acrescentaram à lira monocórdia dos vinte anos ritmos novos e profundos, de repercussão mais intensa e mais prolongada. Uma série de hinos, à vida, à Solidão, à Dor, à Morte, de uma simplicidade e unção religiosas, fazem pensar, mais uma vez que a obra final de todo poeta de estirpe tem de ser o seu "Parsifal" – e que a arte, como os rios para o mar, caminha e tende sempre para Deus.

Longos anos de diplomacia e de exílio não esfriaram em Antônio Feijó o ardor da sua fé artística nem o seu nacionalismo. O ministro que há tanto tempo representa Portugal na Escandinávia é sempre minhoto louro, mescla de qualquer banal cosmopolitismo, a quem

muitas das longas noites polares de verão absorvidos na prosa de Manuel Bernardes ou nos versos de Sá de Miranda, seu conterrâneo e creio que até seu ascendente. E não há nas bibliotecas suecas manuscrito interessante para a nossa terra que Antônio Feijó não tenha já rebuscado, comentado ou traduzido com o seu seguro gosto de erudito e letrado.

"O Paiz", 23 de junho de 1917.

Pesquisa e adaptação ortográfica: Iba Mendes (2019)

SOL DE INVERNO

ÚLTIMOS VERSOS



PREFÁCIO

Com o *Sol de Inverno*, que, neste volume, vê a luz da publicidade, e com as *Novas Bailatas*, que vão entrar no prelo, a obra Poética de Antônio Feijó encerra-se por duas magníficas afirmações do seu alto, delicado e gentilíssimo talento. A sua Musa emudece para sempre. A sua lira quebra-se. Esses dois livros póstumos são o seu harmonioso canto do cisne... É um grande poeta e um grande artista do verso que dizem o supremo adeus à sua arte, exercida com tanta paixão e tanta nobreza!

Esses livros deixou-os o Autor dispostos, coordenados, paginados, revistos minuciosamente, para os fazer imprimir. A morte permitiu-lhe, ao menos, cuidar desse legado valioso e opulento, que ia testar à literatura Pátria. Quando ela o surpreendeu, a 20 de junho de 1917, o trabalho estava acabado.

Mas o mundo ardia em guerra. A Europa era um campo de batalha gigantesco em que os povos, como os Titãs da gigantomaquia do mito helênico, lutavam braço a braço, trucidando-se em torrentes de sangue. As comunicações entre a Suécia, onde Feijó falecera, no seu posto diplomático, e Portugal, estavam quase cortadas. Os preciosos e insubstituíveis originais não podiam ser confiados a transportes aventureiros, a correios irregulares e incertos, às suspeitas da censura dos beligerantes, aos riscos dos torpedeamentos marítimos. Foi preciso que a paz se fizesse enfim e, com ela, a ordem e a normalidade da vida internacional começassem a restabelecer-se nesta convulsionada Europa, para que o espólio literário de Antônio Feijó pudesse vir com segurança para Portugal, trazido pelas mãos dos seus próprios filhos.

A mim, seu velho companheiro e camarada, a ele ligado, desde os dezoito anos, pela mais fraterna amizade, foi confiado o encargo de superintender na publicação desses livros e de a preceder de algumas palavras em que se esboce o perfil do Autor e se ponham em justo relevo os méritos eminentes da sua bela obra.

Encargo, ao mesmo tempo doloroso e grato, em que, à profunda saudade do querido amigo morto, se juntou o enlevo espiritual de me absorver nas altas emoções estéticas que a leitura desses dois livros tão intensamente me fazia sentir!

Com que doce melancolia, com que piedoso recolhimento, com que comovida curiosidade, com que alvoroçado interesse eu folheei os dois originais, copiados à máquina, mas, quase a cada página, emendados pela sua letra, com os oferecimentos aos seus amigos traçados pelo seu punho, com os apêndices, em que se arquivavam os juízos críticos das suas obras anteriores, por ele próprio coordenados!

Era o seu espírito que, dessas frias regiões escandinavas, para onde os azares da vida haviam exilado esse meridional de tão viva e ardente imaginação, era o seu espírito que de lá nos vinha nessas páginas, palpitantes de emoção lírica, sonoras de ritmos musicais e de rimas harmoniosas, todas refulgentes do esplendor das imagens e da pureza plástica duma forma impecável! Esse dom de imortalidade espiritual, de revivescência dos mortos na memória das suas altas ações ou no esplendor das suas grandes obras, senti-o, nessa hora, tão profundamente, que o meu coração, por momentos, se alucinava, dando-se a ilusão de que era o próprio poeta que me estava recitando as suas últimas poesias, naquela dicção perfeita que tanto fazia realçar as qualidades do seu verso!

Era com a sua alma que eu estava em contato também, — com a sua alma nos derradeiros anos da sua vida, — porque, nesses livros, havia muito dos seus afetos, dos seus pensamentos íntimos, das suas alegrias e esperanças, das suas mágoas, das suas torturas, das suas dolentes nostalgias...

Ambos eles estavam concluídos e preparados para o prelo antes daquele supremo infortúnio da sua vida, que foi a perda da sua adorada mulher, levada pela morte em setembro de 1915, ainda em plena mocidade e em todo o encanto da sua grande elegância e brilhante formosura.

O oferecimento do *Sol de Inverno* não é feito à sua memória, mas a ela ainda viva e presente no lar doméstico. Nas cartas que dele recebi no curto período da sua viuvez, — uns vinte meses, — referia-se aos dois livros como a uma obra feita. Depois do golpe, de cuja incurável ferida lhe havia de resultar, mais tarde, a morte, não apareceram, nos seus papéis, — que eu saiba, — vestígios de um regresso à atividade literária. Disso me falava às vezes, quando me escrevia, mas como duma intenção, não como de um fato.

Sol de Inverno e *Novas Bailatas* devem conter, portanto, as derradeiras produções Poéticas de Antônio Feijó. São o fecho da sua obra e são realmente um remate superior, em que o seu talento e a sua arte se ostentam em plena maturação e plena mestria. Não lhe foi dado a ele assistir ao seu máximo triunfo literário, à publicidade daquele dos seus livros, o *Sol de Inverno*, que o qualifica, definitivamente e sem favor, um grande poeta.

A esse triunfo também os seus amigos não assistem com aquele júbilo que experimentariam se lhe pudessem manifestar a sua admiração, se pudessem aclamá-lo a ele em pessoa, não apenas à sua memória e ao seu nome, agora gloriosamente consagrados.

Por mim, fá-lo-ei nesta evocação da saudade, que é o conforto da alma no declinar da vida e tem o dom maravilhoso de ressuscitar espiritualmente os mortos.

Se julgo poder dominar as sugestões da amizade ao tratar da obra de um tão grande amigo, não me é, por outro lado, possível falar dele sem que, a cada passo, esse afeto fraterno não transpareça nas minhas palavras, sem que tenha de referir-me às nossas íntimas relações, metendo o leitor na confidência de velhas lembranças

peçoais, que para ele podem, contudo, ter interesse, por dizerem respeito a uma tão notável individualidade.

Por fins de outubro de 1877, — pouco falta para a conta dum longo meio século! — em Coimbra, um bando alegre de *novatos* de Direito, no intervalo de duas aulas, subia ruidosamente a íngreme escada da torre da Universidade, e, lá do alto, num largo desafogo, estendia a vista por esse incomparável panorama do vale do Mondego, entre cujo legendário quadro lhes ia correr todo um lustro de intensa vida mental, de tremendas controvérsias de ideias, de êxtases poéticos, de sonhos de juventude, de esperanças, de quimeras, — essa divina florescência do espírito, que marca, na nossa existência, o seu momento superiormente belo e culminantemente feliz.

Eu era desse grupo. Mal nos conhecíamos de vista uns aos outros: havia apenas coisa duma semana que, pela primeira vez, nos juntáramos nos bancos da nossa aula. Vínhamos de todas as províncias de Portugal: como acontecia sempre nos grandes cursos de Direito, havia, entre nós, minhotos, transmontanos, beirões, estremenhos, alentejanos, algarvios, ilhéus, — cada um com o seu tipo étnico, o seu sotaque regional. Ao acaso, misturávamo-nos, entabulávamos conversas superficiais, trocávamos impressões rápidas, no deslumbramento dessa visão de beleza que se estendia, diante dos nossos olhos, da montanha à planície, da mancha azulada e longínqua da serra da Lousã à ridente campina do Mondego, tocada já pelos tons de ouro do outono.

Nessa casual comunicabilidade, achei-me a conversar com um rapaz, ao lado do qual havia feito a esfalfante escalada da torre. Era um belo moço, de ombros largos e um tanto cheio de corpo, cabelo ligeiramente aloirado, pele clara e uns olhos castanhos sorridentes e um nada maliciosos, através dos quais como que se lhe via a clara inteligência e o vivo espírito.

Dissemos meia dúzia de coisas vagas sobre a paisagem, sobre Coimbra, sobre os interessantes aspectos da velha Universidade,

vista assim do alto, no conjunto irregular dos seus corpos assimétricos. Facilmente nos descobrimos inclinações literárias, citamos livros, falamos de escritores, de poetas... E, desse encontro fortuito, desse momento inolvidável duma forte emoção de estesia, partilhada por duas almas apenas saídas da adolescência, nasceu, entre mim e Antônio Feijó, uma amizade de irmãos, uma camaradagem de espírito, uma estreita comunhão moral, que, sem sombras, nem colapsos, mesmo através de longos afastamentos, durou quarenta anos e só a Morte, — só ela, a implacável ceifeira das minhas grandes amizades! — logrou cortar...

Pouco depois, já no decorrer do primeiro ano do seu curso, Feijó revelava-se um poeta à sua geração acadêmica.

Lembro-me perfeitamente dos primeiros versos que, dele, li. Apareceram na *Sebenta* da cadeira de Direito Romano. As *Sebentas*, por esse tempo, juntavam, às vezes, à utilidade das suas funções pedagógicas, o inocente deleite duma ou doutra *perpetração* literária, em que ensaiavam as asas aqueles, do Curso, a quem a Musa já provocava e seduzia...

Um condiscípulo nosso, o bom João Martins, de Redondo, havia, numa lição, estadeado uma vasta sabedoria, citando Ortolan com abundante facúndia.

Dois dias depois, a *Sebenta* inseria, em apêndice, este soneto anônimo:

*Quando o Martins deita fala
Sobre o Foral de Leão,
Palpitam de comoção
Todos os cantos da sala.*

*Em saber ninguém o iguala!
Merece uma distinção
Quem refuta São Simão
E o positivismo abala;*

*Quem leva ao fundo caótico
Do Código Visigótico
A branca luz da manhã,*

*E, sendo um poço de ciência,
Nos prova que, em descendência,
É bisneto de Ortolan!*

Esta leve *boutade* satírica, duma fatura correta, bem versificada, bem rimada, revelando uma fácil e fina veia humorística, fez sucesso. O autor escondera-se. Mas, dias depois, alguém o descobriu. Era Feijó.

Não tardou muito que o seu nome passasse a ser conhecido nas rodas literárias de Coimbra. Já em Braga, onde fizera os preparatórios e onde então João Penha, esse perfeito versificador, doutor "a quem as Musas não fizeram mal", era venerado, e com justiça, como um mestre, — já em Braga Feijó havia publicado, nas seções literárias dos jornais da terra, algumas composições que denunciavam as suas notáveis disposições Poéticas. Era mais um poeta que o norte do país mandava a esse Parnaso de Coimbra, onde, à falta duma Faculdade de Letras, a doce paisagem, os melancólicos olivedos do Penedo da Saudade, o encanto do Mondego, com os seus pálidos renques de salgueiros, os seus laranjais todos floridos e rescendentes nas noites de maio, com os seus orfeões de milhares de rouxinóis, com os seus luars de sonho que tudo espiritualizam, e, sobre isto, a tradição dos grandes poetas que, desde Camões e o bom Sá, por ali passaram, iniciavam as almas novas nas emoções do lirismo, desde a graça bucólica do idílio ou da égloga à saudosa plangência da elegia.

A geração acadêmica, que, por esse tempo, floria em Coimbra, está, pode dizer-se, na derradeira fase da sua declinação, vai a apagar-se de todo no crepúsculo do seu ocaso. Talvez metade dela se tenha sumido já na voragem da morte. E, dos que restam, muitos viram já passada a *sua hora*, aquela em que a sua personalidade plenamente se revelou no campo de ação para onde as suas faculdades os levaram. A sucessão das gerações parece vertiginosa a quem

observa a diluição daquela a que pertenceu nas sombras do túmulo ou no silêncio do esquecimento...

E, contudo, essa geração não foi inteiramente infecunda em individualidades de acentuado valor. Dela saíram homens públicos que longo tempo ocuparam o tablado Político, homens de letras que marcaram na vida literária do seu tempo, homens de ciência, professores abalizados, causídicos ilustres, artistas notáveis, — e até soldados heroicos e gloriosos, porque, entre os nomes dos que mais vieram a ilustrá-la, se conta o de Mousinho de Albuquerque. Foi a geração que celebrou, entre magníficas festas literárias e artísticas, o Centenário de Camões. Foi a geração que veio a exercer a sua influência na vida nacional na passagem do século XIX para o século XX.

Seria uma diversão descabida e longa o tentar agora julgá-la nos seus merecimentos e defeitos, o procurar fixar as características do seu espírito e criticar as suas ideias e a sua ação. Mas pode dizer-se que foi uma geração culta, uma geração ativa sem impulsivos nervosismos revolucionários, uma geração intelectualmente equilibrada e até disciplinada, uma geração que começou a romper com as fórmulas doutrinárias e a ver com senso crítico os problemas filosóficos, as questões políticas e as teses estéticas. Disto lhe proveio, talvez, aquela pontazinha de cepticismo intelectual que, até certo ponto, lhe contaminou a vontade. Esta faculdade precisa do apoio da convicção e da fé para não fraquejar nas suas funções diretas da ação humana.

Literariamente, ela produziu, sobretudo, poetas. Jaime de Magalhães Lima e Trindade Coelho foram dos seus poucos prosadores. O verso teve mais quem o cultivasse. E alguns desses cultores fizeram-no notavelmente, como Feijó, Coelho de Carvalho, Silva Gaio, Luís Osório, Queiroz Ribeiro, Alfredo da Cunha, para citar apenas os que persistiram no ofício e, pela publicação das suas obras, se categorizam escritores, por assim dizer, profissionais.

Por esse tempo, as influências dominantes estavam num momento de transição. Passava-se do romantismo grandiloquente e

hiperbólico de Hugo, da apaixonada e veemente sensibilidade de Musset, do satanismo artificial e elegante de Baudelaire para a arte plástica, escultural e rutilante do parnasianismo, de que eram corifeus ilustres Gautier, o *parfaitmágicienèslètres*, Bainville, o *virtuose* do verso, o correto e delicado Copée, o solene e marmóreo Leconte de Lisle, e Sully Prud'home, e Dierx, e Heredia, o inimitável cinzelador e esmaltador, cujos sonetos, ainda não coligidos nos esplêndidos *Trofées*, nos apareciam, uma ou outra vez, nas revistas literárias francesas.

Dos nossos, admirava-se, entusiasticamente, João de Deus, Antero, Junqueiro, Gomes Leal e apreciava-se com deleite Penha e GonçalvesCrespo, — todos esses que haviam sido os mestres das gerações anteriores.

O espírito de Feijó vazou-se nestes moldes e refletiu as fases dessa evolução do gosto literário. Mas, com o tempo, a sua individualidade caracterizou-se, marcou num forte relevo o seu perfil. A sua emoção avivou-se e afinou-se. A sua técnica apurou-se, desenvolveu recursos excepcionais. E assim se foi formando, de livro em livro, essa alta figura literária, — uma pura e nobre figura de artista, consciencioso até à meticulosidade no exercício da sua arte, um mestre do verso e um mestre da língua, que, na sua obra, pouco volumosa, mas de indiscutível superioridade — *paucasedbona* — deixou indelevelmente marcada a grandeza do seu talento.

Um mestre, sim! Ele foi-o, não só entre os da sua geração, mas também e mais largamente na nossa poesia contemporânea. Porque ninguém o excedeu no manejo do verso, ninguém o trabalhou com mais correção métrica, mais relevo na frase, mais arte, mais perícia técnica, ninguém lhe deu mais ductilidade, mais elegância, mais harmonia, mais sonoridade, mais riqueza de rimas, mais graça de ritmo, do que o poeta excelente do *Cancioneiro Chinês*, da *Ilha dos Amores*, do *Sol de Inverno*.

Nem durezas, nem frouxidões, nem hiatos, nem cacófatos, nem aliteraões malsoantes, nem *muletas*, nem rimas forçadas, nem impropriedades arrepiadoras, nem a banalidade das imagens e das frases feitas, como *clichês* sempre prontos para qualquer reprodução.

Já nas *Transfigurações* e nas *Líricas e Bucólicas*, que são as suas *juvenilia*, esse poder e segurança de técnica se haviam revelado. Mas foi no *Cancioneiro Chinês* que se afirmaram decisivamente. Feijó atingiu aí o inexcédível. Ainda me recordo do encanto com que Antero saboreava essas pequenas composições, finamente desenhadas e coloridas como uma delicada pintura em porcelana ou um *cloisoné* ricamente esmaltado, comentando-as com um sóbrio "É perfeito!" — que, em tal boca, valia os mais extensos e laudatórios artigos de crítica.

Sobre as traduções em prosa de Judith Gauthier e embebendo-se, num estudo profundo do assunto, do espírito do lirismo chinês, ele tentou e levou a cabo essa paciente e admirável reconstrução que é o *Cancioneiro*, dando à poesia nacional um raro e magnífico exemplar da arte do verso.

Na *Ilha dos Amores*, o seu lirismo intensifica-se e define-se, a sua arte firma-se e completa-se.

A sensibilidade lírica palpita nas três partes do livro, quer nessas "velhas canções d'amor" da *Ilha*, (onde há uma lindíssima *Inês*, tão intensamente dolorida, e uma admirável *Ladi D. João*, de um baudelairianismo profundo e vibrante), quer nas adoráveis oitavas do *Auto do meu afeto*, tocadas da mais delicada graça, quer nas diversas poesias que formam a *Alma triste*, entre as quais se encontram, nas mais variadas notas, verdadeiras maravilhas d'arte.

Na plena posse dos seus dons de grande artista, o poeta realiza aí o seu anseio de perfeição plástica no verso, que ele nos fórmula nestes soberbos alexandrinos:

*Oh Musa Antiga, d'olhos plácidos, rasgados
No mármore dum busto aureolado e sereno!*

*Inspira-me e desvenda aos meus olhos nublados
A graça e a proporção do sentimento heleno.*

*Revela-me num gesto os mais altos modelos
Do Verso lapidar, para nele esculpir
Com encantos de deusa e dourados cabelos,
Essa flor de volúpia a tremer e a sorrir!*

*Ensina-me em segredo o gênio incomparável
De poder transformar os versos que componho,
E dum jato fundir, com uma arte impecável,
Num dístico imortal, a visão do meu Sonho!*

*Basta o ouro do Sol para a cor dos cabelos;
Para os olhos azuis basta o azul cristalino,
Se o Verso lapidar souber circunscrevê-los
Num jambo grego ou num hexâmetro latino!...*

Por entre este estrato lírico rompem, na sua obra, veios de humorismo, onde, num tom faceto, o poeta mantém todas as suas eminentes qualidades de versificador.

Nas *Bailatas*, dadas a lume sob o pseudônimo de Ignácio de Abreu e Lima, o fidalgo senhor do Castelo de Anha, esteta enigmático e extravagante, reuniu Feijó as composições deste gênero. E deixou nas *Novas Bailatas*, cuja impressão se seguirá à deste livro, uma segunda série dessas originalíssimas poesias, misto singular de ironia e de sensibilidade, de graça bufa e de melancolia, que, às vezes, parecem haver sido escritas por um Pierrot, ao mesmo tempo sentimental e charivárico.

Nelas há, realmente, um fino espírito de farsa, um estranho tom joco-sério, transições bruscas da emoção para a gargalhada e da folia incoerente para as lágrimas. A frase mais grave termina numa saída jogralesca. A fantasia mais cômica detona num grito de dor.

Algumas dessas poesias, como *Sidéria*, *Felina*, *Litúrgica* e outras, são antigas e encantadoras paródias do decadismo e do simbolismo, que, um momento, despontaram e floriram na literatura portuguesa.

Rimas difíceis e imprevistas, ritmos confusos e atropelados, aliteraões onomatopaicas, imagens exóticas e sibilinas, — tudo isso, que era a essência daquela estética e daquela prosódia, é manobrado com uma destreza inigualável, uma fantasia surpreendente, fazendo, dessas caricaturas, trabalhos do mais fino e requintado acabamento artístico.

Até nessas *pochades* em que ele desenfadadamente se comprazia, dando saída à sua *viscômica*, se sentia a mão hábil e maravilhosa do mestre.

Mas *Sol de Inverno* é, sem dúvida, a sua obra prima.

No frontispício, por baixo do título, — na realidade belo, mas talvez sugerido por uma excessiva modéstia e, por isso, impróprio, como vou explicar, — o poeta traçou estas palavras: *últimos versos*. E foram-no, de fato. Não porque o seu inverno fosse já tão adiantado que o sol do seu talento não pudesse fulgurar ainda demoradamente no horizonte duma dilatada vida. Não: o seu inverno ia apenas começar. Feijó não contava então, mais de 57 anos. Ainda se podia considerar no seu outono. Mas parece que aquelas duas palavras, tristes como um dístico tumular, — o epitáfio da sua Musa, — exprimiam um pressentimento fatídico.

Esse ano de 1915, em que ele coordenou e preparou o seu livro para o entregar ao prelo, foi-lhe terrivelmente angustiado e doloroso. A esposa estremecida, a quem o consagrava no verso tão profundamente amoroso de Martial, debatia-se nos sofrimentos duma longa e torturante doença que no mês de setembro veio a ter o seu desenlace fatal. A desgraça ameaçava-o, pois, sinistramente. E ele adivinhava que não seria longa (como não foi) a sua resistência ao golpe rude e cruel que sentia iminente.

É claro que muitas das poesias colecionadas no volume não são dessa época atribulada. E, assim, o sol que ali brilha tem muitas vezes, não apenas a doce e serena luminosidade do outono, mas até o fulgor ardente de um meio-dia estival.

Nesse livro, o seu talento, inteiramente amadurecido, frutifica esplendidamente. Está ali todo o seu coração, como está todo o seu pensamento, — porque, nesta derradeira fase, a sua poesia não nos dá somente emoções, mas sugere-nos também ideias. Na soberba série dos *hinos*, pode dizer-se que se encerra toda uma filosofia. Aí Feijó ala-se às regiões mais altas da poesia, àquelas que só atingem os grandes espíritos. São odes sublimes, de um largo e poderoso sopro, onde a sua alma se abre toda na adoração da *Vida*, da *Beleza* e da *Alegria*, se contorce nos transe da *Dor*, se embebe na melancolia da *Solidão* ou se abisma na meditação hamléctica da *Morte*.

De todas as peças deste hinário, a última é talvez a maior, a mais profunda. E encerra uma exegese da morte sutilmente verdadeira. A sensação e a dor da morte não estão no fenômeno da morte física, em si, no termo da nossa vida material. Estão na lenta morte moral do nosso coração, no desaparecimento sucessivo dos que amamos e que levam, a pouco e pouco, consigo, para o mistério do túmulo, pedaços vivos da nossa alma.

Toda essa ideia está admiravelmente expressa nestas quatro esplêndidas quadras.

*Quantas vezes, na angústia, o sofrimento invoca
O teu suave dormir sob a leiva de flores!...
A morte que, sem dó, me tortura e sufoca,
É outra — essa que em nós cava sulcos de dores.*

*Morte que sem piedade, uma a uma, arrebatada,
Como um tufão que passa, as nossas afeições,
E deixando-nos sós, lentamente nos mata
Abrindo-lhes a cova em nossos corações.*

*Parêntesis de sombra entre o poente e a alvorada,
Morrer é ter vivido, é renascer... O horror
Da morte, o horror que gera a consciência do Nada,
Quem vive é que lhe sente o aflitivo travor.*

*Sangue do nosso sangue, almas que estremecemos,
Seres que um grande afeto à nossa vida enlaça,*

— *Somos nós que a sua morte implacável sofremos,
É em nós, é em nós que a sua morte se passa!*

Esta poesia, que Feijó, aí por 1913, me mandou de Estocolmo para Londres, onde então eu residia, fora-lhe inspirada pela morte recente de um nosso amigo comum. E aos seus mortos, parentes e amigos, a consagrou, como se vê do dístico votivo que a precede: *Meorumamicorunque pie manibus*.

Toda uma intensa emotividade freme nesse verdadeiro hino sagrado, de tão largo fôlego. Os que acusavam Feijó de frio e impassível têm, nele, como em muitas outras composições do *Sol de Inverno*, um formal desmentido ao seu reparo. E, entre essas outras, citarei, especialmente, essa torturada e angustiada *Suplica ao Vento*, de que transborda toda a desolada nostalgia do exílio. Poucas vezes, desde Ovídio, lembrando, também, nas neves do Ponto Euxino, a doçura radiosa do céu do Lácio, uma voz de desterrado cantou mais amargamente e com tão empolgante emoção as suas mágoas, as recordações da terra natal, a ânsia de a rever em toda a sua surpreendente formosura. São queixumes elegíacos, perdidos apelos duma alma dilacerada, apostrofando o Vento que passa, a galopar vertiginosamente nos espaços, e suplicando-lhe que leve à terra risonha e luminosa e ao claro e cristalino rio, que a viram surgir à vida, o seu amor soluçante e lacrimoso. Não se leem esses patéticos tercetos sem uma crispação dolorosa de toda a alma. Mais duma vez ouvi suspender a sua leitura a vozes subitamente embargadas pelas lágrimas.

Já, na *Alma Triste*, essa incurável nostalgia transparece em algumas poesias ali reunidas. É ela, mesmo, como um *leitmotiv* favorito. *Domingo em terra alheia*, *Solilóquio do Outono*, *No mês de Abril*, *Silêncio*, *No campo*, *Inverno*, ressumam as melancolias de um espírito esmagado pelas brancas avalanches das neves hiperbóreas e sempre saudoso do ardente e claro sol do seu país distante.

Ouçamos as lindas quadras finais do *Inverno*, onde esse sentimento tão docemente se exprime:

*Nasci à beira do Rio Lima,
Rio saudoso, todo cristal;
Daí a angústia que me vítima,
Daí deriva todo o meu mal.*

*É que nas terras que tenho visto,
Por toda a parte por onde andei,
Nunca achei nada mais imprevisto,
Terra mais linda nunca encontrei.*

*São águas claras sempre cantando,
Verdes colinas, alvor d'areia,
Branças ermidas, fontes chorando
Na tremulina da lua-cheia...*

*É funda a mágoa que me exaspera,
Negra a saudade que me devora...
Anos inteiros sem primavera,
Manhãs escuras sem luz d'aurora!*

*Oh meus amigos, quando eu morrer,
Levai meu corpo despedaçado,
Para que eu possa, já sem sofrer,
Dormir na Morte mais descansado!*

A crítica inscreveu o nome de Antônio Feijó no rol dos parnasianos portugueses.

Não discutamos essas classificações de escolas, que nem sempre são precisas, nem fundamentais. Se o parnasianismo se caracteriza, de fato, pelo rigoroso cuidado da forma, pelo culto da beleza verbal, das linhas marmóreas da frase, do seu corte lapidar, da riqueza das rimas, da eufonia dos ritmos, do poder evocativo das imagens, — Feijó pode chamar-se, com acerto, um parnasiano. A miúdo ele repetia o preceito de mestre Theo: *Cequinestpasbien fait, nestpas fait*. Mas o que ele foi, na verdade, sem contestação e fundiariamente, foi um lírico, na mais ampla plenitude da designação.

Toda a sua obra é dominada por essa nota emotiva, por esse acento de viva sensibilidade que constituem a essência do lirismo. O amor, o eterno amor, o enlevo da beleza, as torturas da paixão, as suaves melancolias, os tédios enervantes, as graças preciosas da galanteria, — são a substância psíquica da sua poesia.

Essas emoções sabia ele cristalizá-las numa forma requintadamente perfeita e na maior variedade de tons e de estrutura estrófica. Há poetas que se fixam num metro, ou pouco mais, e quase não variam de tonalidade. O verso de Feijó é ricamente polimorfo e a escala dos seus tons muito extensa. A sua versificação tem amplitude e largueza; mas, tem, igualmente, elegância, frescura e graça. Esculpe poderosamente o alexandrino, mas torneia delicadamente a redondilha menor e modela, com arte, as mais estranhas formas da estrofe composita.

Feijó, pelas qualidades do seu espírito refinado e distinto, não podia ser um poeta popular. O seu público, de *conhecedores* e *diletante* da arte pura, tendo o culto do belo e um gosto exigente, foi sempre um círculo limitado, essa elite intelectual e estética, restrita em todos os países, mas, naturalmente, muito restrita no nosso. Além disso, a sua perfeita dignidade de escritor e a sua aprumada linha moral, tornavam-no avesso a todo o exibicionismo, a todo o reclamo, a todos os secretos manejos de notoriedade banal.

Sofreu, sem dúvida, a influência da evolução literária do seu tempo. Mas, no fundo, ficou sendo sempre quem era e não se curvou aos efêmeros gostos do público para lhe fornecer, como uma "moda de estação", uma qualquer *camelote*, que a sua fácil destreza lhe permitiria manipular com abundância.

Delicado d'alma e, por isso mesmo, retraído, tão probo de espírito como de caráter, não vivendo da sua arte, mas para a sua arte, não desprezando a glória, mas não requestando a popularidade efêmera e superficial, Feijó realizou o tipo acabado de um puro artista, que, por todas essas superiores qualidades, juntas ao talento, acaba sempre por conquistar uma final consagração no mundo das letras e das artes.

A literatura era a sua vocação. A diplomacia foi, na sua vida, um ocasional desvio de destino.

Quando se formou, Feijó pensou em advogar. E buscou iniciar-se no ofício, praticando no escritório de seu irmão José, que era, nesse tempo, um dos mais reputados causídicos do Minho. Não se entendeu, porém, com os autos. A breve trecho, escrevia-me, dizendo-me que desistia da sua tentativa forense e se lembrava de ir correr e ver mundo... por conta do Estado, já que, para isso, lhe faltavam os meios próprios. Pensara em ser cônsul.

A carreira consular tornara-se, então, a carreira favorita dos nossos literatos: eram cônsules o Barão de Roussado, Eça de Queiroz, Batalha Reis, Jaime de Seguíer, Coelho de Carvalho, Wenceslau de Moraes, — talvez ainda outros que me não lembram agora. Feijó foi aos concursos e, poucos meses depois, despachavam-no para o Rio Grande do Sul. Foi em 1886. Por essa ocasião, o conselheiro Nogueira Soares, modelo de funcionários e um dos mais perfeitos homens de bem que tenho conhecido, era nomeado nosso ministro no Rio. Feijó fez com ele a viagem e, antes de ir para o seu posto, esteve uns meses trabalhando na legação.

Do Rio Grande passou para Pernambuco e de Pernambuco foi transferido para Estocolmo. Aí serviu com o legendário visconde de Soto Maior, o famoso dândi e temível parlamentar, havia longuíssimos anos aposentado em diplomata nessa corte do extremo Norte. E aí, à morte do seu velho chefe e depois duma demorada encarregatura de negócios, o fixou para sempre a sua promoção a ministro, determinada por uma reforma dos serviços diplomáticos.

Nestas altas funções, Feijó deu as mais seguras provas da sua competência. Infelizmente, aquela legação não tinha importância correspondente ao seu valor, nem lhe podia dar ensejo a exercer plenamente as suas faculdades e talentos. "Estou aqui encalhado, a apodrecer"— escrevia-me ele um dia. E era verdade. Via-se imobilizado, inativo, desconsoladoramente reduzido, pela

mediocridade do seu posto, a uma situação subalterna, quase que ao simples serviço de expediente e à representação protocolar. Sentia-se com ombros para mais pesados encargos e mais árduos trabalhos — e doía-se de se não ver utilizado. O seu ideal de funcionário, zeloso, metuculoso, honestíssimo e trabalhador como poucos, não era, positivamente, o gozo duma sinecura.

Feijó foi, na diplomacia, uma força desaproveitada. Além daqueles predicados, sobejavam-lhe as faculdades próprias do ofício. Era sutil e duma pronta e profunda perspicácia; via bem, em conjunto, os múltiplos aspectos de um acontecimento ou duma negociação; estudava as questões com ponderação e método; cauteloso, preparava seguramente o seu terreno antes de avançar; sabia (o que, na esgrima da diplomacia, é essencial) dosear, na sua justa e precisa medida, a finura e a lealdade; tinha, em subido grau, a correção, a serenidade, a descrição, o tato e esse grande e supremo dom que é, na vida ordinária, como na vida política, o nosso melhor guia, a nossa mais bem polarizada bussola — o bom-senso.

Tudo isto se valorizava e realçava pelo seu fino trato, pela amenidade e cortesia das suas maneiras, pela sedução da sua conversa, pelo brilho e a cultura do seu espírito, que tornavam sempre querida e agradabilíssima a sua companhia, quer nos meios literários, quer nos meios mundanos.

E este é outro aspecto interessante da sua individualidade. Desde Coimbra, Feijó foi sempre o melhor e o mais deleitoso dos companheiros. A elegância desprentensiva da sua palavra, a graça especial com que contava uma anedota, o *humour* ligeiro, e levemente malicioso às vezes, que punha no comentário a um sucesso ou na crítica a uma personalidade, o pitoresco evocativo de suas narrações de viagem e a expansiva jovialidade do seu forte temperamento — faziam dele um *cavaqueador* irresistivelmente atraente.

Ele era então, e foi por muitos anos, uma natureza robusta e alegre, um *dionisiaco*, amando a vida e a beleza, um sorridente epicurista, gozando com volúpia o instante fugitivo, mas um epicurista

delicado, que punha, em todo o prazer, uma ponta de idealismo ou de emoção estética. Nas suas veias, onde corria bom sangue das velhas linhagens minhotas, devia haver mais glóbulos do seu ilustre patrício Diogo Bernardes, o cantor do "saudoso, brando e claro Lima", que ele descobrira na sua ascendência, do que do desse *Feijó escudeiro*, do túmulo de Celanova, *bom fidalgo e cavaleiro, grã casador e monteiro*, a quem o poeta consagra a poesia final da *Alma triste*.

O seu contato dava alegria, dava saúde. Sob a sugestão do seu espírito parecia que tudo se animava e resplandecia, que a própria existência se tornava mais amável, mais apetecível. De toda a sua pessoa, irradiava a *joie de vivre*. Junqueiro chamava-lhe, então, o *opíparo* Feijó...

Mas um dia, um grande infortúnio, — a viuvez inconsolável, o seu pobre lar em ruínas, — devastou-lhe a alma, prostrou-o, roubou-lhe toda a alegria, envelheceu-o precocemente, tornou-lhe os últimos meses da sua vida tão negros, tão desolados, como essas intermináveis noites boreais que tanto o torturavam e entristeciam, — a ele, filho destas benditas terras do Sul!...

O que foi esse drama, em todo o desenrolar das suas mágoas e sofrimentos, di-lo o eloquente, comovido e fino comentário que, através das cartas do poeta, nesse período, lhe faz Alberto de Oliveira na comunicação sobre a sua morte, dirigida à Academia Brasileira e que o leitor lerá com interesse e admiração, a seguir a este prefácio.

Ultimamente, porém, parecia querer reagir, despertar dessa longa atonia dolorosa. Refugiado no amor dos filhos e na saudade da Pátria, onde há oito anos não vinha, o seu derradeiro sonho foi revê-la, vir percorrer ainda uma vez o seu Minho querido, contemplar as águas mansas do seu Lima, retemperar o coração nessa mágica visão de beleza e encanto, que, para todo o português, ausente ou exilado, é este incomparável torrão de Portugal!

Neste anseio, neste volver de olhos, sobre a Europa em guerra, para a Pátria distante, surpreendeu-o bruscamente a morte.

Exausto de sofrer, o seu crucificado coração parou de súbito, imobilizado para sempre!

*E de novo ao sair desta angústia demente,
Sinto bem que tu és, para toda a amargura,
A Eutanásia serena, em cujo olhar clemente
Arde a chama em que toda a escória se depura.*

*É pela tua mão, feito um rasgão na treva,
Que a alma se liberta e, d'esplendor vestida,
— Borboleta celeste, ébria de Deus — se eleva
Para a Luz imortal, Luz do Amor, Luz da Vida!*

Assim dizia ele à Morte no seu grande hino, já atrás citado e que ficará como uma das maiores glórias da sua lira.

Assim deve ter sido a sua — uma transição insensível, uma serena Eutanásia, bela como todos os seus sonhos de poeta! Assim se deve ter evolado, para a Luz imortal do Grande Mistério, a sua alma boa e pura, sempre voltada para o Amor e para a Vida!

LUÍS DE MAGALHÃES

ANTÔNIO FEIJÓ, O QUE MORREU DE AMOR

(Lido na Academia Brasileira, sessão de 28 de junho de 1917)

A Morte astuciosa — ou caridosa? — antes de apoderar-se finalmente da nossa vida, enceta a sua tarefa inexorável hospedando-se pouco a pouco nos melhores recantos dela. Todo o homem que dobrou os quarenta anos conhece essa primeira visita e tem de preparar-se para essa longa hospedagem. Cada coração, que só carinhos e afetos alojava, eis que um dia recebe ordem de aboletamento para a pavorosa Intrusa, de que lhe cumpre fazer companheira de casa. E o espaço, a princípio exíguo, que ela reclama, nunca mais deixa de alargar-se em seu proveito. Os seres mais queridos, os mais amados, temos de perdê-los para que ela lhes ocupe o lugar. Vão faltando os parentes, vão morrendo os amigos, um a um, em períodos cada vez menos espaçados. Começamos, ao romper da vida, crendo-nos donos do Universo, e com que pressa o nosso domínio se limita, se estreita, até nele nos sentirmos demais! Quando enfim a nossa hora chega, já não é senão um fragmento último e mínimo da vida que abandonamos à Morte. O coração, a que ela faz parar a fatigada corda, estava tão atravancado de cadáveres que já não podia bater livremente.

Estou experimentando o sobressalto desses avisos sinistros, e já não são os primeiros. Há seis anos era o conde d'Arnos, deixando um claro, que nada e ninguém mais preencheram, na calma felicidade dos meus dias. Em 1915 foi Ramalho Ortigão, esse ao menos depois de uma longa e bem aproveitada vida. Quase ao mesmo tempo, em 21 de setembro do mesmo ano, morria em plena mocidade e formosura Dona Mercedes Feijó, a mulher querida de um dos meus mais fiéis amigos. E agora, a 21 do mês, vinte e um meses exatos depois da desgraça a que não conseguiu mais resignar-se, é Antônio Feijó que morre por sua vez, que morre de amor e de saudade por aquela que era o raio de sol da sua vida.

Morreu de amor o poeta amoroso que as neves da Escandinávia e a fleuma profissional da diplomacia nunca fizeram esquecer de que era um conterrâneo de Diogo Bernardes e de que a sua alma fora também criada à beira da poesia e da melancolia tão líricas do Rio

Lima. Morreu de amor o louro fidalgo minhoto, herdeiro de muitas gerações de cavaleiros e trovadores, cuja antiga formação afetiva e moral nunca se alterou no seu perpétuo exílio, nem no convívio medíocre ou mesquinho dos seus contemporâneos. Morreu de amor Antônio Feijó, tão verdadeiramente como se morria de amor em Portugal no século XIII, no tempo daquele Dom Pedro Roiz que mandou esculpir no seu túmulo essa causa única da sua morte. Morreu de amor, começou a morrer de amor no momento em que viu para sempre

*Deitada no caixão estreito,
Pálida e loira, muito loira e fria,*

aquela mulher tão amada a quem sem o saber, sem a conhecer, tantos anos antes, fizera profeticamente, num dos seus mais belos sonetos, o comovedor necrológio.

Antes de morrer de amor, no entanto, menos desafortunado que Dom Pero Roiz, Antônio Feijó vivera de amor. Sua mulher dera-lhe, em seguida a um longo noivado, quinze anos de íntima ventura e dois formosos filhos. Mas Dona Mercedes Feijó era em tal grau a imagem da Beleza e da Graça que perdê-la, depois de ter vivido longo tempo sob a sua luz e calor, tinha de ser, como foi, a máxima angústia. Feijó sabia, podia medir com dolorosa precisão o tamanho e o valor da sua perda. Creio que poucas vezes encontrei criatura feminina tão sedutoramente bela. Dona Mercedes era filha de pai sueco e de mãe equatoriana. Cruzamento do Polo e do Equador, como alguém disse, não é possível imaginá-lo mais feliz, aliando a pureza quase divina das raças do norte à exuberância e alegria meridionais. Era como um raio de sol corporizado; e compreendia-se bem que da vida dela, mais do que da própria, vivesse o namorado companheiro. Não o sentiam talvez em toda a verdade senão os íntimos da casa, porque Antônio Feijó era pouco expansivo e resguardou sempre o sacrário do seu Lar da luz crua e por vezes grosseira em que, por dever de ofício, tinha de mover-se. Para as pessoas estranhas eles eram, sobretudo, um prestigioso casal de diplomatas a quem sobravam inteligência, elegância, tato e brilho mundanos para exercerem completamente a sua missão. Feijó era há

mais de 20 anos ministro de Portugal na Escandinávia e há muito tempo também o decano do corpo diplomático de Estocolmo. Falava a língua do país, conhecia toda a gente, era amigo do Rei e da família real, vivia rodeado das deferências e simpatias devidas ao seu talento e ao seu caráter, continuando e excedendo a tradição deixada pelo seu espirituoso e lendário antecessor Soto Maior, a quem a Suécia considerava, tal a sua popularidade, como um sueco honorário. Madame Feijó era, uma vez ainda, como um raio do sol equatorial naquelas sombrias regiões polares. A alegria e a vida da sociedade de Estocolmo eram, em boa parte, obra sua. Toda a cidade a chorou, sentindo a perda irreparável. O seu enterro foi uma homenagem imponente em que as flores mandadas pelos reis e príncipes das três cortes da Escandinávia se misturavam com as flores do povo da pequena e graciosa capital sueca.

O meu querido amigo, apesar da profundidade e intensidade da sua dor, sentiu chegar até ela as lágrimas e os carinhos de tantos corações e não pôde deixar de impressionar-se com as provas de respeitosa e terna consideração de que todo um povo estrangeiro o rodeava em tão amarga hora. Mas não tirou dessas homenagens o mais tênue bálsamo para a chaga em que se convertera o seu coração. Nelas viu apenas que o encanto da sua querida mulher era tão amplo e universal que até aos mais indiferentes atingia. Reconheceu, com paciência e lucidez — formas terríveis, que, algumas vezes, reveste o desespero — que o seu luto não era qualquer luto e que Deus lhe destinara, depois de uma ventura excepcional, uma penitência e uma amargura da mesma espécie. E nada fez para escapar-lhes.

Tenho aqui as suas cartas, escritas entre lágrimas; releio-as agora na maior comoção, e nelas posso seguir, como a curva de uma ardente febre, a história completa da sua morte de amor. A última chegou só ontem, como sobrenatural visita, já depois de fria e inerte a mão que a traçou. Deverei ter escrúpulo em citar aqui essas cartas? Não vejo, no entanto, melhor maneira de render ao grande coração de Antônio Feijó o preito que lhe devo. Não há nelas uma palavra que possa

parecer indiscreta perante a dupla campã de que elas ficarã sendo o epitáfio.

Antônio Feijó tinha o hábito supersticioso de escrever aos seus amigos em papel de carta de formato e cor sempre diferentes. A sua última carta despreocupada e alegre é de 28 de fevereiro de 1914 e está escrita, como que por estranho pressentimento, em papel cor de rosa. Nunca mais tive outra do mesmo humor ou da mesma cor. A carta seguinte, datada de 20 de abril, é amarela, cor de outono e de morte, e traz as primeiras apreensões duradouras sobre o estado de saúde de sua mulher, que, meses antes, já lhe dera alguns passageiros cuidados. Mas desde essa data nunca mais houve paz na sua vida. Folheemos devagar essa amarga correspondência:

18 de julho de 1914: "Tenho tardado em dar-lhe notícias minhas, porque, no estado de espírito em que ando, não queria afligir as suas primeiras horas do Rio de Janeiro com lamentações e amarguras, a que o seu coração amigo não pode dar remédio. A minha querida doente vai melhor, já pode sair, já quase pode fazer a sua vida habitual. Mas...este *mas* é que é a minha tortura de todos os instantes. Qualquer que seja a natureza e gravidade da doença, as recaídas anteriores não me dão a menor garantia para o futuro. É mais que provável que a doença se reproduza. Não sei o que há de ser de mim. A *Imitação de Cristo*, que eu leio assiduamente, diz que *à chaque joursufitsa peine*; mas eu estou longe de ser um bom cristão, e a resignação é uma virtude que Deus só concede aos eleitos."

Sobreveio a grande guerra, que rug e estrondeia tão próxima, e que absorve o tempo e agita o espírito do diplomata. Mas, entre as suas ocupações e responsabilidades do momento, instala-se logo a aflição íntima. Em 23 de outubro escreve-me:

"De saúde vamos indo, graças a Deus; mas, sempre naquela preocupação de que lhe tenho falado, não consigo horas de paz, já não digo perfeita, mas resignada. O futuro, de fato, na nossa idade, ou antes na minha, são apenas 24 horas, como você diz; mas, 24 horas ou minutos que sejam, todos nós ambicionamos passá-las tranquilamente."

A 1 de janeiro de 1915, dando-me as boas festas, acrescenta logo: "Sinto-me num estado de espírito tão desolado e abatido que nem posso conversar à vontade com os amigos mais queridos. A Mercedes anda outra vez doente e eu estou com imenso receio que seja uma nova *poussée* do antigo mal. Trago o coração em sobressaltos."

Abre-se, então, um longo silêncio, que as minhas cartas não conseguem quebrar e que me inquieta progressivamente. Em julho, cedendo às minhas instâncias, veem duas palavras pelo telegrafo: "Mercedes sempre doente. Estou desolado." E em setembro, uma carta, de 26 de agosto, com tristes notícias: "Tem razão para se queixar do meu silêncio, mas não escrevo a ninguém. Vivo apenas para a minha doente e para a minha dor. Parece, de fato, injusto o martírio que ela sofre, mas neste mundo os que padecem são sempre os melhores e ela era a melhor de todos. Há longos meses que a vida é para mim um suplício, e sem esperança de lhe ver um termo. Deus sabe o que terá sucedido quando esta carta lhe chegar às mãos!"

Com efeito. A previsão não falhou. Foi a 22 de setembro, na hora em que eu embarcava para a Europa, que me chegou às mãos um telegrama de Estocolmo, datado da véspera, com estes dizeres apenas: "Tout est fini". A censura de guerra não os deixara transmitir na nossa língua; mas nem assim me soavam menos trágicos aos ouvidos. Fiz toda a viagem com este desgosto, não podendo crer que uma tão luminosa e formosa mocidade se pudesse assim bruscamente extinguir, e vendo naquela morte maldita um verme hediondo que se houvesse introduzido, para o roer, na rósea polpa do mais fresco e dourado fruto. A eletricidade do mar, sempre para mim tão contagiosa, não se me comunicou desta vez. Fiz uma travessia melancólica; e, ao desembarcar em Lisboa, esperava-me a notícia da morte do meu venerado amigo Ramalho Ortigão, a quem eu queria como a um avô, e que, poucos dias antes, se finara entre aflitivos sofrimentos.

Não sei, nem agora me importa saber, se é monótona a descrição de uma dor humana, para os desconhecidos de quem a sofreu.

Monótona será, mas ai de quem lhe não sentir a grandeza e a beleza! Desde a morte de sua mulher, as raras cartas de Antônio Feijó são um lamento contínuo, cuja leitura impressiona mais do que a mais perfeita literatura. Percebe-se que o viver assim já não tem de viver senão o nome, e verifica-se uma vez mais que, sem o ponto de apoio do ideal, do sentimento ou da fé, a vida a que o nosso instinto animal tanto se apega por vezes, é coisa nenhuma. A primeira carta, sem data, diz assim, para não a copiar toda: "Se um dia nos encontrarmos — do que duvido — então lhe contarei o que foi o martírio da minha pobre mulher, e o suplício que foi a minha vida, vendo-a sofrer sem remédio, para lhe esconder a natureza do mal e alimentar-lhe a esperança da cura, que nunca, felizmente, abandonou. Morreu subitamente, sem agonia e sem perceber que era o fim. Não tenho forças para lhe responder como desejava, nem para tomar qualquer resolução. O futuro, na minha idade, como você costuma dizer, são 24 horas. Rápidas ou curtas, que elas se passem como Deus quiser. Da minha parte nada farei para as tornar menos pesadas, porque tudo é inútil."

Em 8 de janeiro de 1916, conta-me, mais demoradamente, o estado desesperado da sua dor. Vive como um sonâmbulo, não sabendo distrair-se senão com a recordação do passado. "É só, — escreve-me, — e a remexer na minha memória atribulada, que as horas me passam menos atormentadoramente." Eu aconselhava-lhe uma viagem a Portugal. Ele objeta: "Ir a Portugal agora é absolutamente impossível, e essa viagem não serviria senão para agravar o meu sofrimento. Não há sítio nenhum por aí, nem casa amiga, que me não desperte recordações e saudades pungentes." Fala-me, além disso, da educação dos filhos, que não deseja perturbar, e vê-se que procura neles a razão de viver, que a dor destruiu. Mas não o consegue. Conta-me com pormenores, pela primeira vez, o que foi o enterro de sua mulher e reproduz-me o telegrama que lhe dirigiu um ilustre escritor sueco, John Bethiger, velho de mais de 60 anos, casado e sem filhos, tão grande admirador de Dona Mercedes, que pensou seriamente em adotá-la ele e a mulher, para lhe deixarem a fortuna. Feijó sabe o telegrama de cor e transcreve-mo no original sueco e em tradução. É assim, e parece, na verdade, como ele me

dizia, um epitáfio de antologia, escrito em estilo lapidar: "Receba expressão da minha mais profunda simpatia no acerbo luto que o feriu. Nunca se encontraram, assim reunidas no mesmo ser, bondade, candura e beleza, como na sua incomparável Mulher. Tê-la conhecido é uma ventura que nunca ninguém poderá esquecer."

Em 15 e 20 de janeiro, em 7 de fevereiro, novas cartas que não anunciam melhoras. Deu-lhe um minuto de prazer a sua eleição para a Academia Brasileira, "pela espontaneidade, diz-me ele, e pelo momento em que foi votada." Feijó era muito amigo do Brasil, onde vivera alguns anos ardentes da sua mocidade, e tinha aqui amigos dedicados. Considerou a homenagem da Academia como um desejo requintadamente afetuoso de oferecer algum conforto à angústia que sofria. E esse terno pensamento comoveu-o. Mas a Dor era sempre a sua nova companheira: "Vou vivendo, com a minha tristeza e a minha saudade. *Vou vivendo* não é a expressão justa. *Deixo-me viver conforme Deus quer*, é mais exato." Distrai-se relendo as cartas antigas dos seus amigos, que colecionava cuidadosamente, e, entre as quais, muitas vezes, se referia aos grossos pacotes das minhas. Escrevia-me, em 29 de fevereiro: "É a leitura dessas cartas, como já lhe disse, a minha única distração. Quando elas acabarem, não sei o que vai ser de mim. Escrever (eu pedira-lhe que, na receita de Goete, pusesse a sua dor em poemas) é-me absolutamente impossível. Estas dores não cabem dentro de moldes literários. *Quem atende ao concerto do que diz não sente o que diz*, sentenciava um velho frade gongórico. Creio que, para mim, os versos acabaram. É bem possível que não torne a escrever mais uma linha. *Pena, que pode explicar-se, perto está de não sentir-se*, como diz o mesmo frade, aludindo a circunstâncias idênticas."

Carta em 3 de abril: "Não tenho forças para nada. Escrever uma carta é como se tivesse de deslocar uma montanha. O tempo não me tem curado. Dá-me, por vezes, uma certa paz, mas intervalos curtos, de que saio para um recrudescimento de amargura e de saudade angustiosa. Sinto que parta. (Eu ia regressar de Lisboa ao Rio). Parece-me que tudo quanto amei e amo se vai afastando de mim, cada vez mais."

Nova carta, em 10 de julho: "A minha cabeça, como a minha alma, andam profundamente enfermas. Sinto-me cada vez mais só, cada vez mais desconsolado e mais triste. O estio era, nesta terra, a estação em que a minha vida de família mais se acentuava. Como todo o movimento mundano cessava, estávamos sempre juntos, ou no campo, em algum sítio isolado e pitoresco, ou em excursões pelos arrabaldes da cidade. Tudo acabou agora. Do estio septentrional ficou-me apenas a inenarrável melancolia. Não imagina como pesa no meu espírito esta paisagem, composta monotonamente de lagos, pinheiros e rochedos, sob uma luz pálida, misto de aurora e poente, tão triste, tão triste, que parece a obra de um Deus infeliz. Para evitar recordações, a que não poderia resistir, lembrei-me de ficar na cidade. Com esse intuito, mandei os pequenos para o campo, acompanhados por uma tia; mas estou arrependido. Não posso viver só. Amanhã vou partir, não sei bem para onde, fugir de aqui, talvez para a Lapônia, para alguma terra onde não encontre lembranças do passado. Perdoe este desabafo. Na verdade, não há outra coisa a fazer senão a gente resignar-se; tenho filhos, que precisam de mim; mais do que nunca, é preciso viver. Mas, o pior, é que não encontro nada que me interesse ou me distraia. Os próprios versos, que sempre me encantaram, parecem-me às vezes, agora, estultas frivolidades."

Escreve-me, em 6 de setembro: "Contava ir este verão a Lisboa, mas esta guerra, que ameaça de se tornar crônica, obrigou-me a por de parte os meus projetos. Fiquei aqui. Ausentei-me apenas durante duas semanas, numa excursão pela província, mas o passeio não me serviu de consolação. Era a primeira vez, após 15 anos, que viajava só. Tão angustiado me sentia nos vagões do caminho de ferro e nos quartos de hotel, que preferi voltar logo para o meu ninho meio desfeito, apesar da desolação que nele me esperava, pela ausência dos meus filhos, que eu tinha mandado para o campo. De maneira que estive aqui só, completamente só, desde julho até ontem, porque só ontem eles regressaram. Este mês é para mim todo cheio de terríveis recordações. Fez, no dia 4, um ano que regressei do campo com a minha querida doente. Não imagina quanto essa viagem me impressionou, no curto trajeto de automóvel com Ela, o médico,

a *garde-malade* e uma cunhada minha. Trazia já a impressão de que era o último passeio que dava com Ela... E, nesse estado de espírito, se foram passando os dias até à morte, no dia 21 do corrente. Na véspera estive todo o dia ali, naquela *chaisê-longue*, com o sorriso e o bom humor de sempre. E lá está, há quase um ano, na capela do cemitério católico, também à espera que a guerra acabe, para ser transportada para Ponte do Lima (terra natal de Feijó e que ele adorava), onde eu desejo também dormir o meu último sono. Não me consolo, querido amigo. Toda a dor contém, em essência, o esquecimento. Mas eu não quero esquecer. Os mortos não morrem completamente enquanto a gente se lembra deles. E eu não quero que Ela morra enquanto eu andar neste mundo. Perdoe este desabafo. Perante estranhos, os desgraçados são sempre ridículos. Mas você não é para mim um estranho, e, diante dos outros ninguém é capaz de ler o que me vai na alma, através da minha serenidade e compostura. Nunca deixei ver a ninguém os recantos íntimos do meu coração."

Escreve-me de novo, em 25 de setembro, agradecendo o meu telegrama no primeiro aniversário do seu luto. E continua: "A 21, foi o primeiro aniversário da morte da minha querida Mercedes; a 24 o aniversário do nosso casamento em 1900; hoje, é o aniversário do enterro. Imagine o estado do meu espírito, e, por isso, perdoe-me se lhe não escrevo mais. Vivo numa angústia perpétua. O tempo passa, mas não me consola; sossega-me, às vezes, por intervalos, mas o *retour* da memória é sempre inevitável, e o sofrimento torna-se mais agudo porque, dia a dia, a sua falta se me afigura maior."

Em 1 de dezembro queixa-se de ter estado doente, com o seu velho mal da gota. Manda-me uma fotografia, em que me aparece vertiginosamente envelhecido. "Contemple essa ruína, acrescenta. Não imagine, porém, que foi só a gota que me deixou assim. A gota entra por pouco no esboroamento da minha velha carcaça." Espera ir no verão a Lisboa. Deseja encontrar-se comigo: "Parece que já estamos separados pelo outro mundo." Dá-me as boas festas de Natal e Ano Novo: "Como para mim não há festas, e faço tudo para não me aperceber do que este período do ano significa para o meu

coração atribulado, ia-me esquecendo de cumprir este dever. Lembre-se de mim nessa noite de graça e de mistério, em que um pouco de infância parece reflorir na nossa alma, quando o infortúnio a não devastou. Lembre-se de mim!" E na noite de Natal volta a escrever-me, dizendo-me que se fechou só no seu gabinete, com os seus pensamentos e a sua memória, cheia de infinitas amarguras...

Enfim, tem a data de 21 de março de 1917, dezoito meses justos depois da morte de sua mulher, três meses justos antes da sua própria morte, a última carta que recebi deste querido amigo, antes de perdê-lo: "Estamos tão longe um do outro, sinto-o tão distante de mim, que parece que já estamos separados pelo outro mundo", repete ele, como quem adivinha. Continua a queixar-se da gota e mostra-se resolvido a ir fazer uma cura de águas em Portugal de ali a meses. Fala-me da guerra e da política sueca, dando-me informações interessantíssimas. Recomeçou a fazer versos, mas não os que desejava. Só lhe saem da pena *bailatas*, versos de zombaria, nos quais transforma a tristeza em riso. Não o consolam. E a doença de alma, a verdadeira, não cessa de miná-lo: "Faz hoje ano e meio que deixou esta vida de lágrimas a minha querida Mercedes. Parece que foi ontem. Não há esforços que consigam afastar o meu pensamento dessa hora terrível. Não é o desespero dos primeiros tempos; mas é uma saudade, uma tristeza de que nem mesmo o trabalho consegue distrair-me. Precisava de sair de aqui; precisava de ir passar algum tempo em Portugal, ver os amigos, ver a minha terra; mas ao mesmo tempo tenho receio dessa viagem. Quantas pessoas queridas mortas! Quantas coisas mudadas!"

Alguns dias depois de receber esta carta foi um telegrama dos jornais que me deu o golpe, apesar de tudo não esperado, da morte de Antônio Feijó. Ele era um homem robusto e ainda são, tinha apenas 55 anos, e eu, tomando os meus desejos pela realidade, acreditava que a educação dos filhos e o desabafo dos versos iriam devagar transformando em doce saudade a sua dor dilacerante. Feijó não se estava *deixando viver*, como ele dizia; estava-se deixando morrer, sem dar por isso. E o amor incurável, o amor de perdição tão caracterizadamente português, o amor da nossa raça e tradição

matou-o como a mais fatal das doenças físicas. Esta carta póstuma, que ele me escreveu em 27 de abril e que só recebi ontem, como que me chega de além-túmulo. E como me doe o coração e se me orvalham os olhos ao lê-la! Bom e fiel amigo, que ainda te afligias com o meu silêncio, de que só a falta de comunicações era culpada, e te inquietavas com a minha saúde, quando era a tua que devia absorver todos os teus cuidados! Que feliz me sinto ao ver-me rodeado no mundo de tantas almas que se afeiçoaram à minha, mas quanto me pesam, e me desterram pouco a pouco da vida, estas mortes que começam a povoá-la! Feijó, ao menos, foi para onde queria, reuniu-se enfim àquela sem cuja companhia desaprendera de viver. Deus lhe haverá concedido todas as bem-aventuranças, prometidas aos que muito sofreram e choraram neste vale de lágrimas.

Não peço perdão a quem me haja lido ou ouvido, do espaço que consagrei a este romance vívido e sincero, tão digno de ser sentido e meditado por cabeças e corações ao seu nível. Perdoa-me, estou certíssimo, a memória do alto poeta do *Cancioneiro Chinês* e da *Ilha dos Amores*, que eu me haja ocupado, nesta hora aflita, muito mais do seu amor que dos seus versos, e que a sua vida me pareça, como a de todos os seres de eleição, mais bela ainda que a sua obra. Mas não me despeço de versar um dia esse capítulo da história literária portuguesa, onde Antônio Feijó figurará sempre como um dos nossos poetas ao mesmo tempo mais subjetivos de temperamento e mais perfeitos e cultos de expressão. O nome de um Feijó ilustrou já a história do Brasil na pessoa do Padre-Regente, que era porventura da família do poeta e até se parecia com ele no porte da cabeça profundamente encravada entre os ombros. Hoje então são as nossas Letras irmãs que registram, em caracteres indeléveis, esse mesmo velho e ilustre nome.

Ainda uma justificação para esta longa página de memórias. Há muitas pessoas, entusiastas da Vida e da Arte livres, que julgam os transportes do Amor e da Paixão incompatíveis com a regra e o pato do casamento, e que não são capazes de exprimir a poesia, de que as suas almas transbordam, senão em versos errados. Longe de mim o

intuito de contradizê-las. Mas não há mal em que aqui lhes ofereça este *espelho de casados*, no qual poderá remirar-se, ao menos uma vez por outra, a sua perfeição.

ALBERTO DE OLIVEIRA

À MINHA MULHER

Romam tu mihi sola facis...

Martial: Livro XII, Epigrama XIX.

Folhas mortas d'outono ou d'inverno precoce,
No teu regaço amigo, estes versos deponho,
Para que o teu amor lhes dê vida e remoce,
Porque a Arte começa e acaba num sonho...

É pouco; mas eu torno a homenagem mais bela,
Pondo, como uma flor, nas folhas sem aroma,
O verso em que Martial diz à Esposa Marcela:
Tu, tu só, para mim, vales mais do que Roma!

ELEGIA DE ABERTURA

A minha Lira tinha uma corda:
Enquanto moço tanto cantei,
Que a pobre corda despedacei.

Agora, às vezes, se a Musa acorda,
E quer de novo pôr-se a cantar,
Ninguém a corda pode emendar.

Era uma corda que só vibrava
Quando a minh'alma toda chorava,
E tantas mágoas, tantas, cantei,
Que a pobre corda despedacei.

O Amor e as penas da Mocidade,
Quimera ou Sonho de cada dia,
Eram os temas que ela escolhia.

Porém um dia veio a Saudade,
D'olhos vidrados e umedecidos,
Pousar-lhe os dedos emagrecidos...

Então, vibrando, toda chorosa,
Sob esses dedos, brancos de cera,
Mais angustiada nunca gemera!

E uma alma nova tão dolorosa,
Com tanta mágoa nela ressoa,
Que um ai supremo despedaçou-a!

Desde esse instante, nas minhas penas,
Sem essa corda que me sustinha,
— Pobre Saudade! chora sozinha...

Manhãs d'estio, tardes serenas,
Ocasos d'ouro, noturno céu,
Para os meus olhos, tudo morreu!

Mas a Saudade, no meu tormento,
Geme e soluça com tanta mágoa,
Que, a ouvi-la, os olhos enchem-se d'água,

E sem um grito, sem um lamento,
Minh'alma vive na dor que a enleia,
Como uma aranha na sua teia...

A minha Lira tinha uma corda:
Enquanto moço tanto cantei,
Que a pobre corda despedacei.

Agora, às vezes, se a Musa acorda,
E quer de novo pôr-se a cantar,
Ninguém a corda pode emendar...

A Mocidade não pensa em nada,
E a pobre corda vi-a quebrada
Quando tocava mais afinada...

A Mocidade não pensa em nada!



DESCENDO A ENCOSTA DO PARNASO

(A João Arroio)

*Hvaderen Digter? Et ulykkeligt Menneske, der gjemmerdybe Qvaler i
sit Hjerte, men hvis Læber ere dannedesaaledes,
at idet Sukket og Skriget strømmeud over dem, lyde de som enskjöne Musik.*

Kirkegaard.

Quando moço, cantei, mas em formas discretas
Que nunca o meu segredo ousassem revelar,
Tudo o que sem mistério a muitos outros poetas
Soube o Amor e a Paixão em voz alta inspirar.

Feliz, o Amor... nem mesmo efêmero sorriso
Deixou nessas canções memória do seu rastro;

Desditoso, ficou como um luar indeciso,
Chama d'ouro escondida em vasos d'alabastro.

A Dor, mal comprimida em gritos sufocados,
— O abandono, a traição, o esquecimento, o ciúme —
Enublou muita vez os meus olhos magoados,
Mas se ao lábio acudia, era apenas queixume...

Estos do coração, sobressaltos do instinto,
— Amor ideal, veemente impulso do desejo, —
Tudo vinha em surdina ou eco mal extinto,
No meu verso expirar, como um simples arpejo.

Se a angústia me oprimia em contínua tortura,
Para alívio a esse mal, que ninguém consolava,
Como alguém que a si próprio iludir-se procura,
Precisando de ouvir a minha voz — cantava!

Eco do meu sofrer, de tão fundo partia,
Que deixando ao passar todo o amargo travor,
Essa voz, rara vez, murmurando traía
O secreto pungir da primitiva dor.

Mas de cada palavra ou gesto contrafeito
Em que ela se disfarça, a alma profunda evoca
Os lamentos e os ais sufocados no peito,
Todos os gritos vãos que morreram na boca!

No escrínio da Canção as lágrimas vertidas,
Brilham sob a expressão em que a Dor se transforma,
Como gotas de luz, d'olhos tristes caídas,
A tremer no cristal transparente da Forma.

Mal se adivinha a dor, no esmalte que a reveste;
Mal se vê no sorriso um esgar de tristeza;
A Dor, na alma do artista, é como um dom celeste,
Que lhe ornamenta a vida e se expande em beleza.

Mas por entre o fulgor das gemas, no artifício
Da frase que a primor o artista cinzelou,
Quem sofreu sente ainda o estertor do suplício,
O desespero e a dor donde a estrofe brotou.

A Arte faz da paixão arabescos risonhos;
Muda em graça verbal todo o grito pungente;
— Galateia a cismar, olhos cheios de sonhos,
Que a um sopro vão partir da pupila dormente...

Harpa de Silfo aéreo a ressoar no vento,
Carícia quase etérea, o Verso é um desafogo...
— Mel na boca a sorrir, enquanto o sofrimento
Sobre a nossa alma imprime os seus lábios de fogo!

Desse beijo profundo, as angústias e as dores,
Se em imagens procura o artista convertê-las,
Espinhas entrelaça em grinaldas de flores,
E lágrimas combina em mosaicos d'estrelas.

Mas o vulgo, à beleza e à graça inacessível,
O espírito banal, nunca pode sentir,
A mágoa que por trás da palavra insensível,
Como ave triste, espreita, emboscada, a carpir!

Só almas d'eleição comungam no mistério
Que à Dor empresta o encanto e a seiva que a renova,
Como à flor que sorri num chão de cemitério,
O amargo coração que se desfaz na cova.

Só elas, através dum molde tão restrito
Como esse em que a palavra as emoções fixou,
Alcançam entrever não sei quê d'infinito
No minuto de sonho em que a Dor se embalou...



A ARMADURA

(Ao Dr. Goran Björkman)

Desenganos, traições, combates, sofrimentos,
 Numa vida já longa acumulados, vão
— Como sobre um paul contínuos sedimentos,
Pouco a pouco envolvendo em cinza o coração.

E a cinza com o tempo atinge uma espessura,
 Que nem os mais cruéis desesperos abalam;
 É como tenebrosa, impávida armadura
Ou couraça de bronze em que os golpes resvalam.

Impermeável da Inveja à peçonhenta bava,
Nela a Calunia embota os seus dentes ervados;
Não há braço que possa amolgá-la, nem clava
Que nesse duro arnez se não faça em bocados.

E no entanto, através dessas rijas camadas,
Ou rompendo por entre as juntas da armadura,
 Escorrem muita vez gotas ensanguentadas
Que o coração verteu d'alguma chaga obscura...



A CIDADE DO SONHO

(Ao Visconde de Pindella)

Sofres e choras? Vem comigo! Vou mostrar-te
 O caminho que leva à Cidade do Sonho...
De tão alta que está, vê-se de toda a parte,
Mas o íngreme trajeto é florido e risonho.

Vai por entre rosais, sinuoso e macio,
Como o caminho chão duma aldeia ao luar,
 Todo branco a luzir numa noite de estio,
Sob o intenso clamor dos ralos a cantar.

Se o teu ânimo sofre amarguras na vida,
Deves empreender essa jornada louca;
O Sonho é para nós a Terra Prometida:
Em beijos o maná chove na nossa boca...

Vistos dessa eminência, o mundo e as suas sombras,
Tingem-se no esplendor dum perpétuo arrebol;
O mais estéril chão tapeta-se de alfombras,
Não há nuvens no céu, nunca se põe o sol.

Nela mora encantada a Ventura perfeita
Que no mundo jamais nos é dado sentir...
E a um beijo só colhido em seus lábios de Eleita,
A própria Dor começa a cantar e a sorrir!

Que importa o despertar? Esse instante divino
Como recordação indelével persiste;
E neste amargo exílio, através do destino,
Ventura sem pesar só na memória existe...



BEATITUDE AMARGA

(A Silva Ramos, da Academia Brasileira)

Esqueço-me a admirar os teus olhos profundos
E imagino que estou sentado à beira mar:
Vejo as ondas a erguer-se, arquipélagos, mundos,
Naufrágios, temporais, mar de leite e de luar...

Medroso, o coração tenta fugir, mas treme:
O abismo atrai o abismo! E desvairadamente,
Despenha-se no mar, como um barco sem leme,
D'onda em onda, à mercê do vento e da corrente.

Vejo-o ainda um momento a esconder-se na bruma,
E sinto uma impressão d'angústia e de pesar,
— Seguindo ansiosamente o seu rasto d'espuma —
Por supor que partiu para não mais voltar!

Mas tu falas, e, ao som da tua voz, desperto;
Volto a mim desse estranho sonho, a alma perdida,
Com o vago terror e o pensamento incerto
Do náufrago que à praia ainda chegou com vida.

CASTELO BÁRBARO

(A José de Azevedo Castelo Branco)

Um a um sobrepondo os tormentos mais altos,
Da minha própria dor fiz uma Fortaleza,
Que pudesse afrontar tempestades e assaltos,
Imponente de rude e bárbara grandeza.

Desde então, sem receio, a tudo invulnerável,
Depondo na panóplia o escudo e as armas rotas,
Vivo oculto no meu torreão inexpugnável,
Recompondo em anais combates e derrotas.

Nenhum grito ou rumor atinge essa eminência;
Nenhum desejo vão escala essas alturas,
Onde, antigas visões, andam como em demência
Do passado a evocar saudades e amarguras.

Contudo, alguma vez, se uma ilusão funesta
Um eco juvenil faz em mim despertar,
Como som matinal de campanário em festa
Que no meu coração vem de longe vibrar,

Então, — luz sem igual que tudo em torno abraza —
A Ventura de novo aos olhos meus se ostenta,
— Raio de sol suspenso a tremer numa asa
Que um instante pairou sobranceira à tormenta.

E atrás dessa quimera ou sonho alucinante,
Vou, numa ânsia de gozo, um momento arrastado,
Como o condor lançando o voo fulminante
À presa que entreviu do píncaro escarpado.

Mas a luz, que brilhou, logo se esconde e apaga,
E eu regresso trazendo ao meu refúgio, exangue,
 Mais uma nova dor, mais uma nova chaga,
 Rutilante de vivo e generoso sangue.

E outra vez, dessa altura em tais ruínas erguida,
 Sem sobressaltos vejo os meus dias correr,
 De saudades velando o entardecer da Vida,
Que o ter-se sido moço é a dor do envelhecer.

 Mas oculto no meu solitário reduto,
 Ao abrigo de toda a investida ou traição,
 Se de fora não vêm tempestades nem luto,
O meu próprio sofrer enche o meu coração.

 E assim, na sua noite o espírito submerso,
Sem que uma estrela nova aos olhos meus desponte,
 Vou, com o pensamento em mil voos disperso,
 De saudade em saudade alargando o horizonte.

 E tudo, mesmo a Dor, nessa amplidão se esfuma,
Como incêndio a esbater-se em longínquo arrebol...
 Toda a nuvem, de perto, é um farrapo de bruma,
 A distância, parece ouro e púrpura, ao sol!

Sob o contorno ideal que o espelho empresta à imagem,
 Projetados ao longe, os tormentos e as dores
 Surgem aos olhos meus na ilusão da miragem,
Como ruínas de sonho em que brotaram flores...

 Ruínas que uma luz tão serena ilumina
Como se as envolvesse um luar de esquecimento;
 E é tão doce a ilusão, que nessa hora divina,
Ajoelho a balbuciar: Morte! espera um momento!...



A ÁGUIA PRISIONEIRA

(A Manoel da Silva Gaio)

Águia soberba a quem mão perversa d'escravo,
Num ócio de tirano, os olhos arrancou!
E, a gozar desse feito o delicioso travo,
Da jaula hedionda a férrea porta escancarou...

A águia, aturdida e cega, a princípio esvoaçava
Rente ao chão, e a roçar com as asas na terra,
Sem saber donde vinha a dor que a lancinava,
Nem que mistério aquela obscuridade encerra.

Mas na ânsia de luz que a devora sem tréguas,
Cobra o ânimo, e erguendo o voo, a tudo alheia,
Lança-se para o azul, sobe léguas e léguas,
Sem poder dissipar a treva que a rodeia.

E tão alto subiu no seu voo desfeito,
Que de repente, não podendo respirar,
Sentiu que lhe estalava o coração no peito,
E veio aos pés do escravo exânime rolar...

Alma humana! Águia cega em perpétua ansiedade,
Por mais alto que eleve o desvairado arrojo,
Quando julga atingir a suprema verdade,
No pó, donde partiu, cai outra vez de rojo!



A SELVA ESCURA

(A João Chagas)

Perdi-me no caminho solitário
Duma floresta imensa e fria...
Medrosa ainda, a Noite lívida descia,
E o clarão do luar, como um pranto mortuário,
Pelas folhas das árvores corria.
No silêncio da Noite, o silêncio da Selva

Enchia-se de vozes enigmáticas...
E os meus pés vacilavam sobre a relva,
Entre as sombras das árvores extáticas.
Numa clareira funda, águas dormentes,
Como um lago lunar, tremeluziam
Nas lágrimas de luz, altas e ardentes
Que das estrelas pálidas caíam.
Nem ruído de mar, folhas ou vento...
O mistério, porém, da Noite e da Floresta
Enchia de terror meu pensamento,
Como um sopro boreal que me gelava a testa.
Não sei se era visão, filha do Medo,
Se verdadeira aparição noturna;
Mas da sombra profunda do arvoredos,
Que o luar tornava muito mais soturna,
Vinham surgindo misteriosamente
Fantasmas espectrais que eu distinguia
Através do sudário transparente
Como o primeiro alvorecer do dia...
E por diante de mim todos passavam,
E olhavam-me e choravam...
De mágoa ou compaixão, — não sei dizê-lo;
Mas tudo o que aos meus olhos evocavam
Parecia-me um longo pesadelo...
Eram os Sonhos, as Quimeras mortas
Na minha morta Fantasia,
Que do vasto sepulcro abrindo as portas,
Passavam nessa fúnebre teoria...
Projetos, Intenções, Ideias, Planos,
— Ilusões dum passado esquecido e desfeito,
Na areia que rolou da ampulheta dos anos
E que um vento de morte espalhou no meu peito.
Era a Noiva feudal esquecida a cismar
Na pompa e no esplendor em que o Sonho a envolveu,
Trazendo-me nas mãos, todas brancas de luar,
Como um troféu perdido o espadim de Romeu!
Ilusões juvenis d'odaliscas e fadas,

Helena, Laura, Inês, romanescas e belas,
E tu, Willi imortal das florestas sagradas,
Loira d'olhos azuis, como duas estrelas!
Era a Glória, mas já sem a tuba estridente,
Que ingenuamente ouvi pela amplidão vibrar;
Era a Ambição, cativa a sua asa fremente,
Que tão alto esvoaçou, entre as nuvens e o mar.
Era o Orgulho... o Poder... a Riqueza... loucuras,
Quimeras juvenis do meu abril risonho,
Borboletas azuis, larvas escuras
Que deslizaram no meu sonho...
Todas essas visões, d'aspectos sobre-humanos,
Por diante de mim, lentas, passavam...
E olhavam-me e choravam,
Como espectros de longos desenganos
Que os meus olhos das trevas evocavam...
E olhavam-me e choravam,
Sumindo-se nas sombras da floresta,
Aos primeiros clarões da madrugada
Como um rumor de festa,
Despertavam, partindo em revoada,
As aves a cantar. O sol rompia
E as derradeiras névoas dissipava...
Tudo cantava e ria!
Só eu chorava... só eu chorava...
Só no meu coração não despontava o dia.
Só eu chorava... só eu chorava...
Só eu sofria...

O LIVRO DA VIDA

(A Antônio de Cardielos)

Absorto, o Sábio antigo, estranho a tudo, lia...
— Lia o "Livro da Vida", — herança inesperada,
Que ao nascer encontrou, quando os olhos abria
Ao primeiro clarão da primeira alvorada.

Perto dele caminha, em ruidoso tumulto,
Todo o humano tropel num clamor ululando,
Sem que de sobre o Livro erga o seu magro vulto,
Lentamente, e uma a uma, as suas folhas voltando.

Passa o estio, a cantar; acumulam-se invernos;
E ele sempre, — inclinada a dorida cabeça, —
A ler e a meditar postulados eternos,
Sem um fanal que o seu espírito esclareça!

Cada página abrange um estádio da Vida,
Cujo eterno segredo e alcance transcendente
Ele tenta arrancar da folha percorrida,
Como de mina obscura a pedra refulgente.

Mas o tempo caminha; os anos vão correndo;
Passam as gerações; tudo é pó, tudo é vão...
E ele sem descansar, sempre o seu Livro lendo!
E sempre a mesma névoa, a mesma escuridão.

Nesse eterno cismar, nada vê, nada escuta:
Nem o tempo a dobar os seus anos mais belos,
Nem o humano sofrer, que outras almas enluta,
Nem a neve do inverno a pratear-lhe os cabelos!

Só depois de voltada a folha derradeira,
Já próximo do fim, sobre o livro, alquebrado,
É que o Sábio entreviu, como numa clareira,
A luz que iluminou todo o caminho andado...

Juventude, manhãs d'abril, bocas floridas,
Amor, vozes do Lar, estos do Sentimento,
— Tudo viu num relance em imagens perdidas,
Muito longe, e a carpir, como em noturno vento.

Mas então, lamentando o seu estéril zelo,
Quando viu, a essa luz que um instante brilhou,
Como o Livro era bom, como era bom relê-lo,
Sobre ele, para sempre, os seus olhos cerrou...

DÍTICO

I

M. ***

Perguntas donde vem a timidez estranha,
Este quase terror com que te falo e escuto,
Como se a sombra hostil duma grande montanha,
Que se erguesse entre nós, me cobrisse de luto.

Ignoras a razão deste absurdo respeito
Com que te beijo a mão, que estendes complacente,
— Fria do ardor que tens concentrado no peito,
Que mão fria é sinal de coração ardente.

E admiras-te de ver que os olhos baixo, e tremo,
— Se passas como um sol de planetas cercado —
Sem dar mostras sequer desse orgulho supremo
De quem se sente eleito entre todos, e amado!

Não podes conceber que uma paixão tão alta
Se vista de recato ou de pudor mesquinho...
Mas, se é sincero, o Amor só a ocultas se exalta,
Faz-se tanto maior quanto é discreto o ninho.

E tudo o que tu crês fingida gravidade
É uma íntima oblação, pois nas almas piedosas
O Verdadeiro Amor é feito de humildade:
Sobre o anel nupcial não há pedras preciosas.

II

EU E TU

Dois! Eu e Tu, num ser indissolúvel! Como
Brasa e carvão, centelha e lume, oceano e areia,
Aspiram a formar um todo, — em cada assomo
A nossa aspiração mais violenta se ateia...

Como a onda e o vento, a lua e a noite, o orvalho e a selva
— O vento erguendo a vaga, o luar dourando a noite,
Ou o orvalho inundando as verduras da relva —
Cheio de ti, meu ser d'eflúvios impregnou-te!

Como o lilás e a terra onde nasce e floresce,
O bosque e o vendaval desgrenhando o arvoredo,
O vinho e a sede, o vinho onde tudo se esquece,
— Nós dois, d'amor enchendo a noite do degredo,

Como partes dum todo, em amplexos supremos
Fundindo os corações no ardor que nos inflama,
Para sempre um ao outro, Eu e Tu, pertencemos,
Como se eu fosse o lume e tu fosses a chama...



PALADINOS

(A Senhora Condessa de Arnoso)

I

CONDE D'ARNOSO, JOÃO

Como um dos seus avós, em justas e em torneios
— Pais d'Abranches, que foi dos Doze d'Inglaterra —
Com uma ânsia de glória, em altos devaneios,
Corre o mundo, de mar em mar, de terra em terra.

Não leva escudo, o moço ilustre, nem couraça,
Que o tempo é vil; mas como arnez de paladino,
Leva a honra e o valor de toda a sua raça,
— Grande exemplo a apontar-lhe o mais nobre destino!

Mão na espada, a entrever combates, a alma pura,
Já belo, dessa estranha e amarga formosura
Que o fim próximo imprime aos vencidos da Sorte,

Vai na tolda a sonhar, — sonho feito em pedaços!
— Pais d'Abranches voltou com a noiva nos braços,
Ele... voltou também, mas nos braços da Morte!

II

CONDE D'ARNOSO, BERNARDO

Este nunca buscou, na luta inglória, — fama
Ou proveito. A Ambição, mesmo a mais alta e pura,
Nunca o cegou. Jamais uma efêmera chama
De orgulho vão tremeu na sua nobre figura!

Foi cortesão; mas da Honra e do Dever escravo.
Nunca esgar de lisonja o seu lábio manchou;
E entre vis defecções, ele só, como um bravo,
Lutou, sofreu, mas nunca o Mestre renegou!

Alma de Campeador! Num disfarce mundano,
Nunca ninguém sonhou coração mais humano,
Mais terno, e ao mesmo tempo, altivo coração!

Último Cavaleiro, à hora em que morria,
No Panteão Real, da lâmpada que ardia
Extinguiu-se de todo o último clarão...



CABELOS BRANCOS

(A D. Tomás de Melo Breiner)

Não repares na cor dos meus cabelos
Sem ler primeiro Anacreonte;
Verás que os sonhos juvenis, mais belos,
Também se evolvem d'enrugada fronte.

O espírito do Poeta é sempre moço;
O Coração nunca envelhece...
Basta um sorriso, um nada, um alvoroço,
E tudo nele se ilumina e aquece.

Deusas d'eterna graça adolescente,
Jamais as Musas desdenharam
Da luz que treme incendiando o poente,
Dos rouxinóis que ao pôr do sol cantaram.

Fina e frágil vergôntea melindrosa,
Que foi na ceifa abandonada,
Rute, apesar de moça e de formosa,
Nos braços de Booz dorme encantada.

Quantas flores d'inédita fragrância
Em mãos propectas vão abrindo...
Abisague, ao sair quase da infância,
No leito de David entrou sorrindo.

E desse beijo, inverno e primavera,
Desse conúbio, oh maravilha!
Como se a ruína fecundasse a hera,
Veio à luz uma estrela, que ainda brilha.

Esculturais patrícias, d'olhos ledos,
Quem as lembrara, se deixassem
Que mãos obscuras, mercenários dedos,
A velhice d'Horácio engrinaldassem?

Quantos nomes ilustres! quantos casos!
Mas que direi mais eloquente?
Não há dias tão pálidos, e ocasos
Como explosões duma cratera ardente?

Não repares na cor dos meus cabelos;
A branda luz que neles arde,
Como o poente, das nuvens faz castelos,
Tinge d'alva o crepúsculo da tarde...

Muita vez os cabelos embranquecem
Na dor d'horríveis sofrimentos...
Não são os anos que nos envelhecem;
"São certas horas más, certos momentos..."



SONÂMBULA
NOITE DE SÃO JOÃO
(*A João Caetano da Silva Campos*)

Leia estes versos, cantando.
— Quem canta seu mal espanta!
Alma em saudades penando,
Só tem alívio se canta...

Passarinho trigueiro,
Põe-te na areia!...

A areia é d'ouro, — painço louro...
Leito macio... Vê como o Rio
Vai sossegado, todo enlevado,
Todo encantado na areia fina!

Passarinho trigueiro!

Olha o salgueiro
Como se inclina,
A ver se as águas
Pode beijar!
E o velho choupo, todo curvado,
Todo engelhado,
De tantas mágoas
Que viu passar!

Nas águas mansas, folhas caídas,
Como esperanças desfalecidas,
Lá vão perdidas nas águas mansas,
Como esperanças
Desfalecidas...

Passarinho trigueiro,
Põe-te na areia!...

A velha ponte talvez te conte
Lindas histórias para encantar,

Lindas histórias da Lua Cheia,
Quando na areia põe a corar
O alvo linho
Do seu tear...
Passarinho trigueiro! pia baixinho!
Ouve as cantigas, que as raparigas,
No S. João,
Soltam ao vento como um lamento
Do coração!

.....
*A vossa capela cheira,
Cheira ao cravo, cheira à rosa,
Cheira à flor da laranjeira...*

Laranjeira desfolhada
Numa noite de orvalhada,
No leito d'algum linhar...
Mas a alcachofra cortada
Sabe alguém se vai secar?!

*Passarinho trigueiro,
Põe-te na areia!*

A areia é doce como se fosse
Vergel macio para noivar...
E dorme o Rio... praia deserta...
Cuidado! Alerta! que a Lua espreita,
Nunca se deita, sempre a rondar.

Passarinho trigueiro,

Olha a estrela do boieiro
Que nunca dorme no céu,
A ver se do seu rebanho
Alguma rês se perdeu...
Olha o Rio! é cor d'estanho
Como um espelho a brilhar;

Cuidado! se é muda a areia,
Pode o Rio murmurar,
E às noites a Lua Cheia
Vem com ele conversar...

Já vai alto o sete-estrela,
Vai despontar a alvorada;
Mas uma voz desgarrada,
Como um grito sem apelo,
Passa a cantar pela estrada:

"Esta noite, na novena,
São João pôs se a chorar...
Da minha dor tinha pena,
Sem me poder consolar.

As andorinhas voltaram,
Desabrocharam as flores,
E as andorinhas contaram
Que tinhas novos amores...

Ninguém mais penas sofreu
Nem dor maior suportou;
Quem amou nunca esqueceu,
Quem esqueceu nunca amou!

Ai! infeliz de quem passa!
Ninguém seu amor escolhe,
Pois o amor é uma desgraça,
Que sem se esperar nos colhe...

Ai, infeliz de quem passa!..."

Passarinho trigueiro,

Não há amor como o primeiro...
Voa, voa sem parar!
Deixa a Lua estremunhada,
Deixa o Rio a murmurar...

O amor tem a asa ligeira,
E antes que rompa a alvorada.
Leva o ramo de oliveira
Àquela dor desgarrada!



CISNE BRANCO
(*A Alberto de Oliveira*)

Cisne branco, esquecido a sonhar no alto Norte,
Vendo-se, ao despertar, das neves prisioneiro,
Ergue os olhos ao céu, enublados de morte,
Mas o sol já não vem romper-lhe o cativoiro.

O gelo, no lençol todo imóvel das ondas,
Em que a aurora boreal põe reflexos de brasas,
Deslumbra-lhe um momento as pupilas redondas,
Dá-lhe a ilusão do sol, mas não lhe solta as asas.

Vê que o torpor do frio o invade lentamente;
Debate-se, procura o cárcere romper;
Mas a asa é d'arminho, o gelo é resistente:
Tem as penas em sangue e sente-se morrer.

Então põe-se a cantar, sem que ninguém o escute;
Solta gritos de dor em que lhe foge a vida;
Mas essa dor, se ao longe um eco a repercute,
Parece uma canção no silêncio perdida...

Melodia que a voz da Saudade acompanha,
Amarga e triste como o exílio onde agoniza,
Longe do claro sol que outras paisagens banha,
Dos rios e do mar que outra alvorada irisa.

Voz convulsa a chorar perdidas maravilhas:
— Tardes ocidentais de sanguínea e laranja,
Noites de claro céu, como um mar cheio d'ilhas,
Manhãs de seda azul que o sol tece e desfranja!

Mas ao longe, à distância onde a leva a Saudade,
Tão esbatida vai essa triste canção,
Que não desperta já comoção nem piedade:
Encanta o ouvido, mas não chega ao coração.

E o Cisne, abandonado ao seu destino, expira,
Alucinado e só, sob o silêncio agreste,
Pensando que no azul, como um mar de safira,
Os astros a luzir são a geada celeste...

SÚPLICA AO VENTO

(A Luís de Magalhães)

Grito ao Vento que passa a galopar na treva:
— "Escuta a minha dor!" — rouco, de braços hirtos,
A ver se ele ouve e ao longe esta Saudade leva!

"Meus queixumes, oh Vento, não de em ânsias ouvir-tos
Esses campos que amei, vinhas, rios suaves,
Pomares, laranjais, bosques de louro e mirtos,
Onde, inverno e verão, nunca emudecem aves,
Onde nunca se extingue o murmurar das fontes,
Todo o ano a correr entre rosais e agaves...

Vento largo, que vens d'ignotos horizontes!
No teu rugido absorve o meu grito pungente!
Vai repeti-lo ao mar e aos pinheirais dos montes,

Para tornar mais triste o seu gemer plangente,
Mais expressivo e humano o seu lamento amargo,
Como um eco, a expirar, desta noite inclemente!

Leva contigo, oh Vento, este gemido ao largo,
A ver se nele alguém a minha voz conhece,
Nessas terras de luz, sem hiemal letargo,

Onde o Estio a cantar longos meses se esquece,
E onde o Sol não é só lâmpada que ilumina,
Mas o Ágni criador que tudo anima e aquece!

Debalde, sobre mim, na sua graça divina,
Almas puras, abrindo a plumagem das asas,
Com o ardor que nenhuma angústia contamina,

Espalham no meu lar como um calor de brasas...

— Para fundir de todo esta geada tão densa,
Só tu, meu claro Sol, que até d'inverno abrasas!

Vento frio, que vais da minha noite imensa,
Tenebroso e a rugir! — leva a minha Saudade,
Como uma estrela a arder, na tua asa suspensa!

Quando essa luz passar, com que mágoa não há de

Refleti-la o meu rio, e acariciá-la, vendo
Que vai dos olhos meus a tênue claridade!

Mas então, Rio amado, as tuas águas descendo
Nessa luz refletida, a tremer como um luar,
Todo o passado irei nas tuas margens revendo,

E o coração talvez se esqueça de chorar,
Como nauta que a voz de Lorelei enleva,
E para a morte vai nesse enlevo a cantar...

Vento surdo, que vais a galopar na treva!
Para um momento! Escuta a minha voz clamante
Vê como sofro, e ao longe esta Saudade leva!"

Mas o Vento não ouve o meu grito alarmante!
Ai de mim, que sou eu?! pobre louco exilado,
De toda a parte vendo o meu país distante,
Como se lá tivesse os meus olhos deixado!



GOTA DE ÁGUA

(À memória de Antônio Rodrigues Braga)

Sobre a urze silvestre, ao subir da montanha,
Uma gota d'orvalho, em manhã d'esplendores,
Lucitremia ao Sol numa teia d'aranha,
Como um prisma em que a Luz se decompunha em cores.

Universo em resumo, essa gema preciosa
Que a Noite ali deixou do seu manto cair,
Continha em miniatura a paisagem radiosa
Que no alvor da manhã despertava, a sorrir.

Em que obscuro crisol, esse pranto isolado,
Cristalizou com tal pureza e resplendor?
Caiu da Lua? É um ai de luz polarizado?
Ou rolou dum olhar num soluço de dor?

Quem sabe o seu mistério ou sonha a sua mágoa?
Lava de desespero ou suor d'agonia;
— Orvalho ou pranto — é sempre a mesma gota d'água,
A tremer e a brilhar no resplendor do dia...

Tenha d'ódio e rancor nublado o olhar mais vivo,
Ou em fogo escaldado a face onde correu,
Ninguém vê no diamante o carvão primitivo,
Nem na água a cantar o abismo em que nasceu.

Em breve, à luz do sol, vai em fumo desfeita,
Ser nuvem, confundir-se em cúmulos no poente,
Ou em névoa através de que a Alvorada espreita
A última estrela a arder, do seu balcão no Oriente.

E outra vez percorrendo os círculos da Vida,
Pranto de herói, suor de mártir ou de santo,
De novo há de voltar, e, de novo esquecida,
Sobre as urzes rolar, gota d'água ou de pranto...



A VENTURA

(A Antero de Figueiredo)

A Ventura, de vãos e efêmeros sorrisos,
Nunca, em alto lavor,
Nos meus versos deixou cariátides ou frisos
De que ela fosse o álaque e luzido escultor.

Trouxe-a um dia, iludida, a minha Noiva, quando
No meu lar se instalou;
A Musa, deslumbrada, emudeceu, sonhando,
E d'amor nunca mais um só verso rimou.

Mas dessa adoração em que vivia absorta,
Um dia, ao despertar,
Viu que tinham levado a minha Noiva morta,
E d'angústia chorou, na angústia do meu lar.

Chorou... Sempre que a dor nos empolga e sacode
Como um arbusto ao vento,
Nenhuma forma d'arte em eloquência pode
Igualar a expressão dum grito ou dum lamento.

Chorou... E desde então, a Musa dolorida
Vive numa ansiedade
A ouvir a minha dor no seu canto escondida,
Mansamente, a chorar, como chora a saudade...

ENTRE PINHEIROS E CIPRESTES

(A meus sobrinhos, Salvato e Rui)

Entre pinheiros e ciprestes
Fundi em lágrimas os olhos...
Onde estais vós, almas celestes,
Que entre pinheiros e ciprestes
Em vão procuram os meus olhos?

Na terra fria aqui descansam
Os corações que tanto amei...
Mas os meus braços não alcançam
Na terra fria em que descansam
Os corações que tanto amei.

As vezes ponho o ouvido atento
A ver se os ouço ainda bater...
Mas só me fala a voz do vento,
Sempre que ponho o ouvido atento
A ver se os ouço ainda bater...

Eles que sempre e a toda a hora
Tão nobremente palpitarão...
E já nem sombra resta agora
Deles que sempre e a toda a hora
Tão nobremente palpitarão!

Mas todo o amor, toda a bondade,
Que em vida as almas enobrece,
Torna a ser luz na imensidade,
Irradiação d'amor, bondade,
Que em vida as almas enobrece...

E nessa luz, a alma que chora
Dum brilho augusto se ilumina,
Como uma esperança ou uma aurora,
Em cuja luz, a alma que chora
Dum brilho augusto se ilumina...

E ao nosso olhar, dentre ciprestes,
Estrelas novas aparecem...
Sois vós talvez, almas celestes,
Dentre pinheiros e ciprestes,
Essas estrelas que aparecem...



RIO AMARGO

(A meu irmão, Júlio de Castro Feijó)

A pouco e pouco a Dor, no coração do Homem,
Vai como um rio amargo escavando o seu leito,
E dia a dia, o sulco em que as mágoas se somem
Mais profundo se faz, mais escarpado e estreito.

A princípio trasborda e alastra: é uma torrente!
Nada a pode conter — nem diques, nem escolhos;
Submerge o coração num tumultuar plangente,
E onda a onda rebenta em lágrimas dos olhos.

Mas o tempo transforma em profunda ravina
O leito onde mais viva a torrente passou;
A onda continua a correr nessa ruína,
Mas, de funda que vai, aos olhos se ocultou.

Desde então não se escuta o bramir da tormenta,
Mas da face tranquila e dos olhos enxutos
Ninguém inveje a paz que essa calma aparenta:
Vai cheio o coração de lágrimas e lutos!

Ditoso o Homem a quem, na primeira investida,
A Dor, como uma vaga, envolveu na ressaca,
Em vez de o arremessar, como "épave" perdida,
De sofrer em sofrer, mas que nunca se aplaca!

A Dor que mata, a Dor que dum golpe redime,
É compassiva; o mal, que cessa, não é grande...
Mas a Dor que não para, a Dor que nos oprime
Sem esperança de ver que o seu martírio abrande,

Essa Dor, não há som, na palavra que chora,
Para a exprimir; é a Dor que mil dores condensa:
Trazer a Morte em nós, senti-la a toda a hora,
E viver! E viver no horror dessa presença!

Onde o peito de herói, onde o ânimo forte
Para uma dor igual sem revolta afrontar,
Tendo a pesar sobre ele a mão fria da Morte?
E sem poder fugir! e sem poder lutar!

Só o Homem que espera em Deus, mártir ou santo,
Pode um suplício tal resignado sofrer,
Com o lábio a sorrir, com os olhos sem pranto,
Mas a angústia no olhar, mas a boca a gemer...

Só esse a quem a Graça iluminou, na etérea
Luz imortal d'estrela ignota alvorecida,
Presente da Alma Humana o Infinito e a Miséria
Na eterna expiação deste pecado — a Vida!



HINO À VIDA

(A Agostinho de Campos)

Tenho-te medo, embora ignoto amor me traga
Preso a ti, como o feto ao seio em que germina...
Foi porventura o sol, da espuma duma vaga,
Ou Deus que te criou duma essência divina?

Que importa? Donde quer que o teu sorriso veio,
Quem quer que sejas, — flor d'inefável deleite,
D'ódio ou de fel, — és sempre o mesmo augusto seio
Em que a Dor e o Prazer bebem o mesmo leite!

Cálix do Sacrifício em que os meus lábios ponho!
— Trazendo o Amor e a Morte a servir-te d'escolta, —
Deste ao mundo o licor do seu primeiro sonho,
O vinho e a embriaguez da primeira revolta!

Sobes do prado em flor, desces dos altos cumes,
Na imarcescível luz que os orbes incendeia;
Passas no largo vento a derramar perfumes,
Choras no vasto oceano a rebentar na areia!

O teu Gênio, que o barro amolda e purifica,
Enleva os corações de júbilo e transporte,
Se no Esqueleto exhibe a túnica mais rica,
Se em Beleza sorri na máscara da Morte:

Teu segredo, que em sangue e lágrimas se envolve,
Mais obscuro se faz quanto mais o investigo;
— Sopro que tudo cria e que tudo dissolve,
Força oculta, mistério augusto, eu te bendigo!

Se, ousado, alguém buscando a tua ignota origem,
O abismo a perscrutar sobre ti se debruça,
Da treva apenas sai, dissipada a vertigem,
Um imenso clamor que blasfema e soluça!

És o raio de sol, a tempestade e o vento;
Voo d'ave a cantar na floresta orvalhada;
Ânsia no coração, lava no pensamento,
O Amor e o Ódio, o Bem e o Mal, — és Tudo e és Nada!

Mão potente, que a rocha endurecida escarva,
Tornando-a em frágil pó donde rebentam flores;
Fada oculta que tece o casulo da larva
E aos insetos iria as asas de esplendores...

Beijo donde a traição como um veneno escorre;
Riso que se desfaz num amargo travor;
Larga estrada sem fim que a Ventura percorre,
Como um cego a cantar pelo braço da Dor!

Quem quer que sejas, — tudo ou nada, — eu te bendigo!
Pelo esforço imortal da tua heroica beleza,
Que, no revolto chão do sofrimento antigo,
Deixou tantos padrões e troféus de grandeza!

Se a alguém o teu mistério a Esfinge revelasse,
Talvez nunca, a rolar dos planaltos risonhos,
A onda humana através da história se lançasse,
Erguendo catedrais e acumulando sonhos!

Por isso eu te bendigo, Alma que enches o Mundo!
Oculto coração, graça, ilusão suprema!
Se tudo vem de ti, desse enigma profundo,
— A solução que importa? O que é grande é o problema!...



HINO À BELEZA
(A Eugênio de Castro)

Onde quer que o fulgor da tua glória apareça,
— obra de gênio, flor d'heroísmo ou santidade, —
Da Gioconda imortal na radiosa cabeça,
Num ato de grandeza augusta ou de bondade,
— Como um pagão subindo à Acrópole sagrada,
Vou de joelhos render-te o meu culto piedoso,
Ou seja o Herói que leva uma aurora na Espada,
Ou o Santo beijando as chagas do Leproso.

Essa luz sem igual com que sempre iluminas
Tudo o que existe em nós de grande e puro, veio
Do mesmo foco em mil parábolas divinas:
— Raios do mesmo olhar, ânsias do mesmo seio.

Alta revelação que, baixando em segredo,
O prisma humano quebra em ângulos dispersos,
Como a água a cair de rochedo em rochedo
Repete o mesmo som, mas em modos diversos.

É audácia no Herói; resignação no Santo;
Som e Cor, ondulando em formas imortais;
No mármore rebelde abre em folhas de acanto,
E esmalta de candura a flora dos vitrais.

Oh Beleza! Oh Beleza! as Horas fugitivas
Passam diante de ti, aladas como sonhos...
Que importa onde elas vão, doutra força cativas,
Se o Infinito luz nos teus olhos risonhos?!

Abrem flores, cantando, ao teu hálito ardente,
Brilham as aves como estrelas, e as estrelas,
Como flores enchendo a noite refulgente,
Deixam-se resvalar sobre quem vai colhê-las...

És tu que às ilusões dás juventude e forma,
Tu, que talvez do céu, donde vens, te recordes
Quando, a ouvir-nos chorar, a tua voz transforma
Dissonâncias de dor em imortais acordes.

Vejo-te muita vez, — luz d'aurora ou de raio, —
Com um gládio de fogo a avançar no horizonte;
Ou então, em manhãs transparentes de maio,
Náiade toda nua a fugir duma fonte.

Outras vezes, de noite e a ocultas, apareces,
Como ovelha que Deus do seu redil tresmalha,
Trazendo no regaço inesgotáveis messes,
Que Ele por tuas mãos sobre a miséria espalha...

Pudesse eu revelar-te em estrofes aladas,
Que partissem ao sol refulgindo em labores,
Com rimas d'ouro, em blau e púrpura engastadas,
Como versos que vão desabrochando em flores!

Mas a língua não é suntuosa bastante
Para nela deixar teu gênio circunscrito;
Trago-te dentro em mim, sinto-te a cada instante,
E a voz nem mesmo tem a eloquência dum grito!

Mas se para o teu culto, em esplendor externo,
Não encontro uma prece altamente expressiva,
Por ti meu coração arde dum fogo eterno,
Como chama a tremer de lâmpada votiva!



HINO À DOR

(Aos Condes de Sabugosa)

Sorri com mais doçura a boca de quem sofre,
Embora amargue o fel que os seus lábios beberam;
É mais ardente o olhar, onde como um aljofre,
A Dor se condensou e as lágrimas correram.

Soa, como se um beijo ou uma carícia fosse,
A voz que a soluçar na Desgraça aprendeu;
E não há para nós consolação mais doce,
Que o regaço de quem muito amou e sofreu.

Voz, que jamais vibrou num soluço de mágoa,
Ao nosso coração nunca pode chegar...
Mas o pranto, ao cair duns olhos rasos d'água,
Torna mais penetrante e mais profundo o olhar.

Lábio, que só bebeu na fonte da Alegria,
É frio, como o olhar de quem nunca chorou;
A Bondade é uma flor que se alimenta e cria
Dos resíduos que a Dor no coração deixou.

Em tudo quanto existe o Sofrimento imprime
Uma augusta expressão... mesmo a Suprema Graça,
Dando aos versos do Poeta esse esmalte sublime
Que torna imorredoura a Inspiração que passa.

É por isso que a Dor, sem trégua nem guarida,
Dor sem resignação, Dor de estoico ou de santo,
Só de a vermos passar no tumulto da Vida
Deixa os olhos da gente enublados de pranto.



HINO À ALEGRIA

(A Carlos Malheiro Dias)

Tenho-a visto passar, cantando, à minha porta,
E às vezes, bruscamente, invadir o meu lar,

Sentar-se à minha mesa, e a sorrir, meia morta,
Deitar-se no meu leito e o meu sono embalar.

Tumultuosa, nos seus caprichos desenvoltos,
Quase meiga, apesar do seu riso constante,
D'olhos a arder, lábios em flor, cabelos soltos,
A um tempo é cortesã, deusa ingênua ou bacante...

Quando ela passa, a luz dos seus olhos deslumbra;
Tem como o sol d'inverno um brilho encantador;
Mas o brilho é fugaz, — cintila na penumbra,
Sem que dele irradie um fecho criador.

Quando menos se espera, irrompe d'improviso;
Mas foge-nos também com uma presteza igual;
E dela apenas fica um pálido sorriso
Traduzindo o desdém duma ilusão banal.

Onda mansa que só à superfície corre,
Toda a alegria é vã; só a Dor é fecunda!
A Dor é a Inspiração, louro que nunca morre,
Se em nós crava a raiz exaustiva e profunda!

No entanto, eu te saúdo e louvo, hora dourada,
Em que a Alegria vem extinguir, de surpresa,
Como chuva a cair numa planta abrasada,
A fornalha em que a Dor se transmuta em Beleza!

Pensar, é certo, eleva o espírito mais alto;
Sofrer torna melhor o coração; depura
Como um crisol: a chispa irrompe do basalto,
Sai o ouro em fusão da escória mais impura.

A Alegria é falaz; só quem sofre não erra,
Se a Dor o eleva a Deus, na palavra que o louve;
A Alma, na oração, desprende-se da terra;
Jamais o homem é vão diante de Deus que o ouve!

E contudo, — ilusão! — basta que ela sorria,
Basta vê-la de longe, um momento, a acenar,
Vamos logo em tropel, no capricho do dia,
Como ébrios, Evohé! atrás dela a cantar!

Mas se ela, de repente, ao nosso olhar se furta,
Todo o seu brilho é pó que anda no sol disperso;
A Alegria perfeita é uma aurora tão curta,
Que mal chega a dourar as cortinas do berço.

Às vezes, essa luz de tão frágil encanto,
Vem ainda banhar certas horas da Vida,
Como um íris de paz numa névoa de pranto,
Crepitação, fulgor duma estrela perdida.

Então, no resplendor dessa aurora bendita,
Toma corpo a ilusão, e sem ânsias, sem penas,
O espírito remoça, o coração palpita,
Seja a nossa alma embora uma saudade apenas!

Mas efêmera ou vã, a Alegria... que importa?
Deusa ingênua ou bacante, o seu riso clemente,
Quando, mesmo de longe, ecoa à nossa porta,
Deixa em louco alvoroço o coração da gente!

Momentânea ou falaz, é sempre um dom divino,
Sol que um instante vem a nossa alma aquecer...
Pudesse eu celebrar teu louvor no meu Hino!
Momentâneo, falaz encanto de viver!

O teu sorriso enxuga o pranto que choramos,
E eu não sei traduzir a ventura que exprimes!
Nesta sentimental língua que nós falamos,
Só a Dor e a Paixão têm acordes sublimes!



HINO À SOLIDÃO

(Ao Padre João Inácio de Araújo Lima)

*Vive ut vis, sed cum aegrotabis
Justislachrymisdamnabis
Omnes mundi insulas.
O beata solitudo,
O sola beatitudo,
Piissecessicolis!*

Cornelius, Mártir

Diz-se que a solidão torna a vida um deserto;
Mas quem sabe viver com a sua alma, nunca
Se encontra só; a Alma é um mundo, um mundo aberto
Cujo átrio, a nossos pés, de pétalas se junca.

Mundo vasto que mil existências povoam:
Imagens, concepções, formas do sentimento,
— Sonhos puros que nele em beleza revoam
E ficam a brilhar, sóis do seu firmamento.

Dia a dia, hora a hora, o Pensamento lavra
Esse fecundo chão onde se esconde e medra
A semente que vai germinar na Palavra,
Cantar no Som, florir na Cor, sorrir na Pedra!

Basta que certa luz de seus raios aqueça
A semente que jaz na sua leiva escondida,
Para que ela, a sorrir, desabroche e floresça,
De perfumes enchendo as estradas da Vida.

Sei que embora essa luz nem para todos tenha
O mesmo brilho, o mesmo impulso criador,
Da Glória, sempre vã, todo o asceta desdenha,
Vivendo como um Deus no seu mundo interior.

E que mundo sublime, esse em que ele se agita!
Mundo que de si mesmo e em si mesmo criou,

E em cuja criação o seu sangue palpita,
Que não há Deus estranho aos orbes que formou.

Nem lutas, nem paixões: ideais serenidades
Em que o Tempo se esvai sob o encanto da Hora...
O passado e o porvir são ânsias e saudades:
Só no instante que passa a plenitude mora.

Sombra crepuscular, que a Noite não atinge,
Nem a Aurora desfaz: rosicler e luar,
Meia tinta em que a Alma abre os lábios de Esfinge,
E o seu mistério ensina a quem sabe escutar.

Mas então, inundando essa penumbra doce,
De não sei que sublime esplendor sideral,
Como se a emanção dum ser divino fosse,
Deixa no nosso olhar um reflexo imortal.

Na vertigem que a vida exalta e desvaria,
Para alguém para ouvir um coração que bate?
No seio mais formoso, o olhar que se extasia
Vê o mundo que nele em ânsias se debate?

É só na solidão que a alma se revela,
Como uma flor noturna as pétalas abrindo,
A uma luz, que é talvez o clarão duma estrela,
Talvez o olhar de Deus, d'astro em astro caindo...

E dessa luz, a flor sem forma, há pouco obscura,
Recebe o seu quinhão de graça e de pureza,
Como das mãos do artista, animando a escultura,
O mármore recebe a sua alma — a Beleza.

Se sofrer é pensar, na paz do isolamento,
Como dum cálix cheio o líquido extravasa,
A Dor, que a Alma empolgou, trasborda em pensamento,
E a pouco e pouco extingue o fogo em que se abrasa.

Como a montanha d'ouro, a Alma, em seu mistério,
À superfície nunca o seu teor revela;
Só depois de sondado e fundido o minério
Se conhece a riqueza acumulada nela.

Corações que a Existência em tumulto arrebatam!
Esse ouro só se extrai do minério candente,
No silêncio, na paz, na quietação abstrata,
Das estrelas do Céu sob o olhar indulgente...



HINO À MORTE

Meorum amicorumque pié manibus.

Tenho às vezes sentido o chocar dos teus ossos
E o vento da tua asa os meus lábios roçar;
Mas da tua presença o rasto de destroços
Nunca de susto fez meu coração parar.

Nunca, espanto ou receio, ao meu ânimo trouxe
Esse aspecto de horror com que tudo apavoras,
Nas tuas mãos erguendo a inexorável Foice
E a ampulheta em que vais pulverizando as horas.

Sei que andas, como sombra, a seguir os meus passos,
Tão próxima de mim que te respiro o alento,
— Prestes como uma noiva a estreitar-me em teus braços,
E a arrastar-me contigo ao teu leito sangrento...

Que importa? Do teu seio a noite que amedronta,
Para mim não é mais que o refluxo da Vida,
Noite da noite, donde esplêndida desponta
A aurora espiritual da Terra Prometida.

A Alma volta à Luz; sai desse hiato de sombra,
Como o inseto da larva. A Morte que me aterra,
Essa que tanta vez o meu ânimo assombra,
Não és tu, com a paz do teu oásis de terra!

Quantas vezes, na angústia, o sofrimento invoca
O teu suave dormir sob a leiva de flores!...
A Morte, que sem dó me tortura e sufoca,
É outra, — essa que em nós cava sulcos de dores.

Morte que, sem piedade, uma a uma arrebatava,
Como um tufão que passa, as nossas afeições.
E, deixando-nos sós, lentamente nos mata,
Abrindo-lhes a cova em nossos corações.

Parêntesis de sombra entre o poente e a alvorada,
Morrer, é ter vivido, é renascer... O horror
Da Morte, o horror que gera a consciência do Nada,
Quem vive é que lhe sente o aflitivo travor.

Sangue do nosso sangue, almas que estremecemos,
Seres que um grande afeto à nossa vida enlaça,
— Somos nós que a sua morte implacável sofremos,
É em nós, é em nós que a sua morte se passa!

Só então, da tua asa a sombra formidável,
Anjo negro da Morte! aos meus olhos parece
Uma noite sem fim, uma noite insondável,
Noite de solidade em que nunca amanhece...

Só então, sucumbindo à dor que me fulmina,
A mim mesmo pergunto, entre espanto e receio,
Se a tua asa não é dum Anjo de rapina,
Se eu poderei em paz repousar no teu seio!

Inflexível e cego, o poder do teu cetro
Só então me desvaira em cruel agonia,
Ao ver com que presteza ele faz um espectro
D'alguém, que há pouco ainda, ao pé de nós sorria.

Mas se nessa tortura, exausto o pensamento,
Para ti, face a face, ergo os olhos contrito,
Passa diante de mim, como um deslumbramento,
Constelando o teu manto, a visão do Infinito.

E de novo, ao sair dessa angústia demente,
Sinto bem que tu és, para toda a amargura,
A Eutanásia serena em cujo olhar clemente
Arde a chama em que toda a escória se depura.

É pela tua mão, feito um rasgão na treva,
Que a Alma se liberta, e d'esplendor vestida
— Borboleta celeste, ébria de Deus, — se eleva
Para a Luz imortal, Luz do Amor, Luz da Vida!

EPÍLOGO

Como um cativo, aqui te deixo, Pensamento,
As asas d'ouro amarfanhadas,
Com o esforço que fiz de forma e sentimento,
Nestas estrofes mal rimadas...

Os meus olhos, a noite imensa perscrutando,
Viram-te belo e refulgente;
E ao teu contato, a Alma em trevas, despertando,
Iluminou-se de repente.

A cadeia, que ao lodo obscuro a tinha presa,
Fundiu-se ao beijo que lhe deste;
E a alma liberta, ao sol da Graça e da Beleza,
Abriu, cantando, a asa celeste!

Descendo para mim doutras esferas, vinhas
Banhado ainda em luz sublime;
Via-te bem, sentia os encantos que tinhas,
Mas a palavra não te exprime.

E quem hoje te vê, nestas imagens frias,
Encarcerado em duro engaste,
Nem por sombras supõe com que esplendor fulgias,
Quando aos meus olhos te mostraste!

Nem as outras visões que ficaram sem forma
Em nebulosa inconsistente,
A espera dessa luz que ao vir de ti transforma
O pó da terra em ouro ardente...

LENDAS E FÁBULAS

PRELÚDIO

Ferreiro velho e cansado
Deixa a forja, não trabalha;
O fogo, quase apagado,
Poucas faúlas espalha;
Mas do ferro trabalhado
Vai recolhendo a limalha.
Ferreiro velho e cansado
Deixa a forja, não trabalha.

Como à luz do sol dourado
É poeira d'ouro a limalha,
A todo o olhar angustiado
Em que a Saudade se espalha,
Parecem d'ouro e brocado
Lentejoulas de mortalha...
Ferreiro velho e cansado
Deixa a forja, não trabalha;
Mas do ferro trabalhado,
Vai recolhendo a limalha.

O AMOR E O TEMPO CRISTÓPULOS

Pela montanha alcantilada
Todos quatro em alegre companhia,
O Amor, o Tempo, a minha Amada
E eu subíamos um dia.

Da minha Amada no gentil semblante
Já se viam indícios de cansaço;
O Amor passava-nos adiante
E o Tempo acelerava o passo.

— "Amor! Amor! mais devagar!
Não corras tanto assim, que tão ligeira
Não pode com certeza caminhar
A minha doce companheira!"

Súbito, o Amor e o Tempo, combinados,
Abrem as asas trêmulas ao vento...
— "Por que voais assim tão apressados?
Onde vos dirigis?" — Nesse momento,

Volta-se o Amor e diz com azedume:
— "Tende paciência, amigos meus!
Eu sempre tive este costume
De fugir com o Tempo... Adeus! Adeus!"



FÁBULA ANTIGA (A Manuel de Oliveira Monteiro)

No princípio do mundo o Amor não era cego;
Via mesmo através da escuridão cerrada
Com pupilas de Lince em olhos de Morcego.

Mas um dia, brincando, a Demência, irritada,
Num ímpeto de fúria os seus olhos vazou;
Foi a Demência logo às feras condenada,

Mas Júpiter, sorrindo, a pena comutou.
A Demência ficou apenas obrigada
A acompanhar o Amor, visto que ela o cegou,
Como um pobre que leva um cego pela estrada.
Unidos desde então por invisíveis laços,
Quando o Amor empreende a mais simples jornada,
Vai a Demência adiante a conduzir-lhe os passos.

CLEÓPATRA

(A José Coelho da Mota Pregos)

Como a concha de nácar luminoso.
Em que Vênus surgiu, risonha e nua,
A Galera vogava ao sol radioso
Com a graça dum Cisne que flutua.

Soltas ao vento as velas de brocado,
Ao som das Liras, sobre o rio imenso,
Dos remos d'ouro e de marfim sulcado,
O destino do Mundo ia suspenso!

Como nuvens correndo, as horas passam;
Já se divisa o porto; o sol declina,
E enquanto as velas, marinheiros, cassam,
Ela que um sonho de poder domina,

Diante do espelho, a refletir, perscruta
Do seu corpo a beleza profanada,
Como o rufião noturno, antes da luta,
Examinando a lâmina da espada!

MOURO E CRISTÃ

(A Antônio de Barbosa de Mendonça)

*Abou-el Hassan, Ali, filsd' Abdalla,
Elzagouni, racontecequisuit...*

Ebu-Abi-Hadglat: *Divan Oriental.*

O pobre mouro enamorou-se
D'Eli, moça cristã, sendo filho do Emir...
Tamanha dor sentiu, que o mísero exilou-se,
Como se alguém pudesse à própria dor fugir!

Longe, na terra alheia, abrasa-lhe a memória
A imagem da mulher que a vida lhe prendeu,
Vendo-a morta, a sorrir sob um nimbo de glória,
Mas no esplendor de um céu que nem mesmo era o seu...

Por sua vez, Eli nunca pode esquecer-lo,
E nesse imenso amor, com presságios de agouro,
Sentia-se morrer, como um lírio no gelo,
Sem o doce luar dos seus olhos de mouro...

Mas no instante supremo, ambos crentes, temendo
Que a Morte os separasse, em tão opostos céus,
Ele invocou Jesus, cheio de fé, morrendo;
E a cristã murmurou: "Alah! só tu és Deus!"



A RESPOSTA DO ÁRABE

(A João Gomes de Abreu e Lima)

"De que país és tu?" — A um árabe dizia
Sahid, filho d'Agbá, na estrada, ao fim do dia.

Era a hora em que o sol se fecha no Ocidente
Como o olhar moribundo e triste dum doente.

E o árabe respondeu, banhado na piedosa
Claridade da luz, quase religiosa:

— "Sou da raça que tem o excepcional fervor
D'amar eternamente e de morrer d'amor." —

— "Então és tu de Asrá." — acrescentou Sahid;
— "Sim, por Kaaba! Foi essa a tribo onde eu nasci."

E de novo Sahid o interrogava atento:
— "Por que motivo, pois, tão nobre sentimento
Nunca se muda em vós numa paixão nefasta?" —
O crepúsculo enchia o céu meio estrelado,
E o árabe tornou, como que iluminado:
— "Porque a mulher é bela e a juventude é casta!"



A VOCAÇÃO D'IBRAHIM

(A Aristides da Mota)

Outros a quem impugna Genebrado, in Chronologia dizem que fue Abraham Idolatra como su padre, y le ayudava a su padre Thare a hazer Idolos de barro, y San Clemente Alexandrino, en el lib. I recognitionem, y Suydas, in verbo Abrahan: dizem que fue primero infiel empero que fue tan eminente en el Astrologia, que por el conocimiento natural de las estrellas conveio al verdadero Dios

Ebu-Abi-Hadglat, *Divan de l'Amour.*

A VOCAÇÃO D'IBRAHIM

Vendo, mudos à Dor, os Ídolos grosseiros,
Que o oleiro antigo e rude em barro modelava,
Ibrahim despedaça os Deuses derradeiros,
E as terras de Ur, família e Pátria, abandonava.

Só, na noite profunda e num amplo deserto,
Sem que o sítio onde está e a estrada reconheça,
— Numa nesga de céu quase todo encoberto, —
Viu um Astro a luzir sobre a sua cabeça.

E absorto nessa luz que do alto caía,
Como um pressentimento augusto a iluminá-lo,
Bradou, cheio da paz que sobre ele descia:
— "Eis o Deus verdadeiro!" — e prostrou-se a adorá-lo.

Mas o Astro imergiu na curva em que flutua,
Quando o Luar rompeu como um vasto luzeiro;
E atônito, Ibrahim pensava, olhando a Lua:
— "Deus não pode esconder-se! Eis o Deus verdadeiro!"

E outra vez, como chuva em calcinada areia,
A paz, ao seu turbado espírito baixara;
Parecia-lhe agora, esse luar da Caldeia,
Que tinha uma outra luz, mais ardente e mais clara.

Mas a Lua descreve a órbita marcada
E some-se ao primeiro esplendor do arrebol;
Borda todo o horizonte uma fímbria dourada,
E entre nuvens a arder surge o orbe do Sol.

Como o homem que sai dum longínquo desterro,
E de súbito encontra o lar e encontra os seus,
Ibrahim mede o abismo enorme do seu erro,
E de joelhos proclama: — "Eis o único Deus!" —

Mas a tarde descia, e Ele, sempre de rastros,
Perdido na abstração do seu culto fervente,
Quando os olhos ergueu já luziam os astros,
E do Sol mal se via um clarão no ocidente.

Então, no seu assombro, o espírito perplexo,
Exalta-se, e da imensa altura a que ascendeu
Viou em tudo o que existe apenas o reflexo
Dum invisível Ser que fez a Terra e o Céu...



PRINCESA ENCANTADA

(A Alfredo da Cunha)

Formosa Princesa dormia há cem anos;
Dormia ou sonhava... Ninguém o sabia.
Passavam-se os dias, passavam-se os anos,
E a linda Princesa dormia, dormia,
Dormia há cem anos!

Em torno, sentadas, dormiam as Damas,
Cobertas de joias, cobertas de lhamas;

Com formas e aspectos de finas imagens,
Esbeltos e louros, dormiam os pajens.

E às portas de bronze, por terra alabardas,
Num sono profundo dormiam os guardas.

Lá fora, na sombra dos parques discretos,
Nem aves gorjeiam, nem zumbem insetos.

As árvores sonham, na sombra dos poentes,
Imóveis, à beira dos lagos dormentes.

E as fontes que dantes sonoras gemiam,
Sonâmbulas mudas, apenas corriam...

Um dia, de longe, de terras distantes,
Com pajens, arautos, donzéis, passavantes,

Bandeiras ao vento, clarins, atabales,
Ecoando a distância por montes e vales,

— Um príncipe, herdeiro dum trono potente,
Com olhos suaves d'aurora nascente,

Excelso e formoso, magnânimo e moço,
— Correndo aventuras, num grande alvoroço,

Chegou ao Castelo, que há tanto dormia,
Como uma alvorada, prenuncia do dia...

E ao ver a princesa, sentada em seu trono,
Naquele profundo, extático sono,
Tomado d'estranha, indizível surpresa,
Na boca entreaberta da linda Princesa,
Tremendo e sorrindo, seu lábio colou-se
Num beijo, que ao lábio a alma lhe trouxe.
Acorda a Princesa; despertam as Damas,
As faces ardentes, os olhos em chamas.
Despertam os Pajens, nos seus escabelos,
Com halos de fogo nos louros cabelos.
Acordam os guardas; e, tudo desperto,
A vida renasce no parque deserto.
Suspiram as fontes; gorjeiam as aves,
Das áleas profundas nas sombras suaves.
As árvores tremem, no ar transparente,
À brisa que sopra, como hálito ardente.
Nas torres, os sinos repicam de festa;
O povo em coreias enchia a floresta...
E a linda Princesa, seus olhos fitando
No Príncipe excelso, sorrindo e corando,
— "Sonhava contigo..." Por que é que tardaste?
Mas já nesse instante, formando contraste,
Quando isto dizia, erguendo-se a medo,
A voz parecia trair o segredo
De quem, num relance, talvez lamentasse
Que sonho tão lindo tão cedo acabasse!...
A linda Princesa sonhava há cem anos,
E fora do Sonho só há desenganos...

O ROMANCE DA PASTORA LINDA

(*Aos Condes de Bertiaundos*)

*Ochhör du, liten Carin!
Säg, vill du blifva min?*

Liten Carin, Folkvisa.

A linda Pastora, guardando o seu gado,
Andava esquecida num alto montado.

E o Rei, que voltava, sombrio, da caça,
Com seus falcoeiros e galgos de raça,

Detém-se, pensando, de súbito, ao vê-la,
Em ermo tão alto, que fosse uma estrela.

— "Oh linda Pastora dos olhos castanhos,
Que passas a vida guardando rebanhos!

A tua beleza deslumbra os meus olhos,
Como uma tulipa no meio de abrolhos.

Teus lábios parecem cerejas vermelhas,
E a pele é mais fina que a lã das ovelhas.

Sobre o ouro das tranças, tuas faces tão puras
São duas papoulas em searas maduras.

Estrela ou Pastora, se queres ser minha,
Terás as riquezas que tem a Rainha!"

— "A flor dos valados é sempre modesta
E a humilde zagala presume de honesta."

— "Terás equipagens, palácios, castelos,
E joias a arderem nos fulvos cabelos;

Um trono de esmaltes em ouros maciços,
Lacaios, escravos, fidalgos submissos!..."

— "Às vossas riquezas, perdidas nos montes,
Prefiro mirar-me no espelho das fontes;

As joias, que valem, se eu guardo o meu gado,
Com rubras papoulas a arder no toucado?...

De nada me servem fidalgos, escravos,
Pois tenho as abelhas e o mel dos meus favos.

Segui vosso rumo, que a tarde caminha;
Guardai as riquezas que são da Rainha".

— "Não rias, vaidosa, das minhas promessas,
Que a força tem visto mais lindas cabeças..."

— "Talvez que mais lindas já visse pender,
Mas nunca tão firme nenhuma há de ver,

Que a Virgem Santíssima, a Virgem clemente,
Ampara, sorrindo, quem morre inocente,

E os anjos, descendo do céu a voar,
À força viriam minh'alma buscar!"

E a linda Pastora, que a ser ultrajada
A morte prefere, — vai ser enforcada!

Levaram-na, à força, das suas ovelhas,
Pendendo-lhe às tranças papoulas vermelhas,

Com gritos de escárnio, no meio da turba...
Mas nada os seus olhos serenos perturba.

E toda inundada na luz que irradia,
Sorrindo, os estrados da força subia...

Então, num relance, do azul transparente,
Surgindo mais alvas que a lua nascente,

Duas pombas que descem e voam a par,
Nos braços da força vieram pousar...

E a linda Pastora dos olhos castanhos,
Tão longe da serra, cercada de estranhos,
Sem ter um gemido, sem ter um lamento,
Expira na forca... Mas nesse momento,
No grande silêncio que a morte causara,
Aos olhos de todos que atônitos viram
Tão grande prodígio, coragem tão rara,
Dos braços da forca — três pombas partiram!

A LENDA DOS CISNES

(A Júlio Dantas)

*Gedulde Dich, stilles, hoffendes Herze! Was Dir im Leben versagt ist, weil
Du es nicht ertragen könntest, giebt Dir der Augenblick Deines Todes.*

Herder

Da praia longínqua, na areia dourada,
O Cisne pensava, fitando a Alvorada:
— "Que imensa ventura, na minha mudez,
Se dado me fosse cantar uma vez!"
— "Meu canto seria, na luz do arrebol,
Dos hinos mais altos à glória do Sol..."
Não é das gaivotas e gansos do lago
O canto que em sonhos ardentes afago;
É quando nos bosques as aves escuto
Que a inveja confrange minh'alma de luto.
Se a Aurora se lança do cume dos montes,
Até d'alegria murmuram as fontes;
Só eu, passeando o meu tédio supremo,
Nem rio, nem choro, nem canto, nem gemo.

Oh Sol, que já vejo surgindo do Mar,
Tem dó de quem, mudo, não pode cantar!" —

E o Cisne, em silêncio, chorava, escutando
A orquestra das aves que passam em bando.

Das águas rompia a quadrigad'Apolo,
E o pobre a cabeça escondia no colo...

Mas Febo detém-se nas nuvens ao vê-lo,
Com feixes de raios no fulvo cabelo,

E diz-lhe, sorrindo, num halo de fogo:
— "No Olimpo sagrado ouviu-se o teu rogo..." —

E nesse momento a Lira Sem Par,
Da mão luminosa deixou resvalar...

O Cisne, orgulhoso da graça divina,
Da Lira d'Apolo as cordas afina,

E rompe cantando... Calaram-se as fontes,
Calaram-se as aves... As urzes dos montes

Tremiam de gozo a ouvi-lo cantar...
E o vento sonhava na espuma do Mar.

O Cisne cantava, tirando da Lira
Um hino que nunca na terra se ouvira;

Não para, nem sente, na sua emoção,
Que a vida lhe foge naquela canção.

Mas quando, entre nuvens, a tarde caía
No enlevo do canto que a essa hora gemia,

E Apolo no seio de Tétis desceu,
O pobre do Cisne, cantando, morreu...

Gemeram as aves; choraram as fontes;
Torceu-se nas hastes a giesta dos montes,

E o mar soluçava na tarde sombria,
Que o manto de luto com astros tecia.

Solicita espera-o, das águas à beira,
Do Cisne, já morto, fiel companheira;

Espera que o Esposo de pronto regresse,
Mas treme e suspira, que a Noite já desce...

As águas luzentes parecem-lhe, ao vê-las,
Um pano d'enterro picado d'estrelas.

Então, no seu luto, sentindo que morre,
Oceanos e praias distantes percorre;

Mergulha nas águas, coleia nas ondas,
Espreita as galeras de velas redondas,

Que ao longe parece que vão a voar...
E o Cisne não volta, não pode voltar!

Chorosa viúva, nas águas desliza,
Levada na fresca salsugem da brisa...

No seu abandono nem sente canseira;
Caminha, caminha, fiel companheira,

Chorando o perdido, desfeito casal...
Tão funda era a mágoa, tão grande o seu mal,

Que o peito sentindo de dor estalar,
— De dor e d'angústia começa a cantar!

E canta com tanta ternura e paixão,
Que a Vida lhe foge naquela canção.

As aves despertam; calaram-se as fontes;
Nas hastes tremiam as urzes dos montes;

A Lua escutava; detinha-se a Aurora,
E as vagas gemiam no vento que chora...

Na terra, no espaço, nos astros, no céu,
Mais alta harmonia ninguém concebeu;

E os Deuses recebem, ouvindo-a, a chorar,
A alma do Cisne que expira a cantar...

Desde esse momento, no Olimpo onde entraram,
Em honra dos Cisnes que tanto se amaram,

Das almas que foram leais e sinceras,
Se Vênus se mostra, surgindo da bruma,
São eles que tiram, nas altas esferas,
A concha de nácar, cercada de espuma...

**APRECIACÕES DA "ILHA OS AMORES"
E DO "CANCIONEIRO CHINÊS"**

SOBRE A "ILHA DOS AMORES"

Poeta por necessidade de temperamento e por fatalidade de herança, Antônio Feijó sabe impor, a quem o lê, a contestada mas suprema fidalguia do verso. Emotivo e delicado como os velhos bizantinos, amoroso e enternecido como todo o meridional, a sua bela constituição de lírico assegura-lhe um lugar inteiramente à parte entre os técnicos portugueses. Sendo um religioso da cor, Feijó desadora as tintas impetuosas e agressivas, e, numa preciosa doçura, dá-nos a branco e ouro as suas figuras de mulher. O ar contemplativo, o ar extático das suas líricas, veio-lhe no sangue. Numa remota ascendência lá está frei Agostinho da Cruz a assegurar-lhe a fatalidade da herança.

Não é estéril a intervenção da hereditariedade na compreensão moral de um poeta. O incomparável místico da Arrábida renasce espiritualmente na alta unção lírica e nos piedosos enternecimentos de Antônio Feijó.

Tenho aqui, sobre a minha mesa, esses dois belos livros — a *Mística de frei Agostinho* e a *Ilha dos Amores*, — tão próximos pelos laços de família e tão afastados pelo poder do tempo. O epílogo da *Ilha dos Amores*, essa piedosa aspiração a uma vida mais simples, a um ruralismo honesto e sossegado, o que é ele, senão a afirmação dum misticismo profundo, obliquado pela ação dissolvente do meio e pela orientação revoltosa do tempo? *E tinhas Deus, para te consolar*, — diz dolorosamente o poeta, no pungente isolamento a que o condenou a sua própria superioridade cerebral. O mesmo enlevo místico daquele, que

*Nas pedras do deserto achou brandura,
Nas serpentes da serra piedade
E nas peles das feras cobertura.*

Lendo um e outro, o velho Agostinho Pimenta e o novo Antônio Feijó, vejo a afirmação de dois grandes poetas e a imposição de duas grandes almas. Entre o profundo amigo do duque de Aveiro e o louro diplomata, as diferenças aparentes fundem-se numa grande semelhança íntima. O primeiro, vítima da sua emotividade excessiva, fugiu do amor da terra para o amor do céu; o outro,

galante e vivo, deixou-se ficar pelo amor da terra, e em grande verdade, ficou melhor. Mas quando a evocação da mulher domina os espíritos de um e de outro, quando o sentimento da cor lhes ilumina os olhos, então as aparições da Ilha dos Amores têm a mesma luz que a aparição de Madalena e de Santa Clara aos olhos pisados do frade. Vejamos se as figuras que passam na insula encantada, vestidas de ouro e de sonho, as não poderia ter evocado o cérebro de um místico como Juan de la Cruz, Jacopone de Todi ou Lourenço de Medicis? Uma *voluptuosa de si mesma*; outra, a lírica Inês, duas vezes virgem, aquela, *toda de sol vestida e de astros coroada*; aquela outra ainda, *santa iluminada a ouro, no esplendor duma Assumpção*, — o que mostram todas elas, senão que o erotismo e o mistério não são mais que dois ramos da mesma árvore ou duas flores do mesmo ramo? O misticismo de Agostinho Pimenta e o erotismo de Antônio Feijó, o que são eles, senão uma e a mesma coisa?

Disse eu, que o poeta da *Ilha dos Amores* tinha um lugar aparte entre os técnicos portugueses. A sua técnica, sendo nalguns pontos decadente, é, por assim dizer, clássica e impecável no seu decadismo. Feijó afastou-se da discutível rigidez do clássico absoluto, e fez um clássico seu, de cujas fórmulas se não aparta. As liberdades da sua técnica chegam a ser mais difíceis do que as dificuldades da técnica parnasiana. É um caso esporádico nos anais da nossa lírica. Seja como for, Feijó tem no seu passado, como demonstração clara da sua impecável métrica, dois livros modelares. Nas próprias páginas do *Auto do meu afeto*, conserva-se um parnasiano puro. O mesmo nos sonetos da *Alma Triste*. A *Ilha dos Amores* veio apenas mostrar uma face nova do seu grande poder de realização. O próprio Francisco Manoel de Melo teve delírios métricos, como Feijó nalgumas das suas líricas. E não é, por isso, menos poeta.

Deus queira que Antônio Feijó nos traga um novo livro quando voltar, — um livro todo de branco e ouro, em que o travor das suas nostalgias seja, como neste último, uma bem deliciosa nota. Até lá,

envio-lhe, com as saudades deste céu azul, o mais enternecido abraço.

JÚLIO DANTAS

Novidades, 20 de julho de 1897.

"ILHA DOS AMORES"

Temos desde ontem o novo livro de versos de Antônio Feijó — *Ilha dos Amores*, saído, há dias, dos prelos da Imprensa Nacional, e editado pela casa M. Gomes, de Lisboa. Evidentemente que, por muito menos fadigosa que a nossa vida fosse, nos seria absolutamente impossível avaliar em conjunto, dentro de tão breve espaço, a obra de um artista literário da nobre categoria a que pertence A. Feijó. Vai isto, assim, apenas como registro de recepção e de vivo agradecimento, envoltamente com algumas ligeiras notas da impressão que recebemos de uma rápida leitura.

Essa impressão é magnífica. O talento de Antônio Feijó amplificou-se notavelmente em emoção, em fantasia, em profundidade de alma; o poeta alongou os seus passos e a sua visão pelo mundo, e à nostalgia da sua bela mocidade, não muito longínqua, ainda, se lhe foi juntar a do seu pátrio Minho, tão distante do país escandinavo e, ao mesmo tempo, tão brutalmente contrastado pela noite e pela neve dessa tristíssima região polar. E é um encanto de observação o jogo desta dupla mágoa, deste complicado pungir, deliciosíssimo, de que provêm as estâncias da *Ilha dos Amores*. Numa reação vigorosa de fisiologia e de alma, assim como os seus olhos se ensanguentaram naquela imensa noite, assim também, naquela tristeza inexorável, o coração do poeta se dilatou de saudades, e a estética do glorioso parnasiano antigo moveu-se intensamente e vibrou fundo; todas as nervuras do mármore sagrado se desmineralizaram em veias e em artérias e uma onda rubra e fumegante círculou e palpitou por todas elas.

De resto, em todos os versos que já lemos do novo livro, é o mesmo estilo magnificente das produções de outrora, mas dexterizado com um maravilhoso, consumado bom-gosto; é essa mesma amplitude harmoniosíssima e limpidez diamantina, o admirável senso musical, a riqueza larga de fantasia, e aquela fidalga probidade artística, o esmero, a esplêndida perfeição de executante, que fizeram de Antônio Feijó um dos mais elevados representantes da nossa poesia contemporânea.

Em remate, da *Ilha dos Amores*, trasladamos para a vala do noticiário esta divina lírica:

INÊS

Na tua boca macerada
Por tantos beijos mercenários que sofreste,
Meu lábio achou ainda a candura sagrada
Que da avidez das outras bocas escondeste...

E no teu peito exausto, onde em tumulto ouviste
Tantas paixões rolar,
A minh'alma escutou, num eco amargo e triste,
A primeira inocência em segredo a chorar!

A chorar em segredo a pureza da infância,
A candura perdida,
De que eu sentia ainda a última fragrância
A evoluar-se de ti, como d'urna partida.

Pobre flor torturada! O teu doce perfume
Foi delícia e veneno...
Pairava o teu Amor como num alto cume:
Só podia atingi-lo o meu beijo sereno!

Todo o teu ser vibrou como uma flor ao vento,
Tremeu, desfaleceu...
E a tua alma, esquecendo o seu longo tormento,
Num sorriso de glória à tua boca ascendeu!

Vinha cheia de graça e candura inefável,
D' inocência e de pejo,
Que eu fiquei a cismar se esse beijo insondável
Seria porventura o teu primeiro beijo!...

Primeiro de Janeiro, de 28 de Maio de 1897.

ILHA DOS AMORES, POR ANTÔNIO FEIJÓ

Produz-se, ao lermos os versos deste poeta, o desejo de simplesmente os irmos transcrevendo todos; e nessas condições limitarmos a apreciação a simples interjeições. Ninguém hoje, em Portugal, cinzela assim tão primorosamente a língua portuguesa em metro e rima, e a obra literária sai nítida, brilhante, completa, — sem que alguém note a fadiga do obreiro, ou adivinhe os processos de fatura. O artista confunde-se com o diletante, e é inconfundível a linha de cada um deles.

Reproduzo esses dezesseis versos, — e ponho ponto na prosa:

Oh Musa Antiga, d'olhos plácidos, rasgados etc.

SILVA PINTO
Noites de Vigília.

"CANCIONEIRO CHINÊS" POR ANTÔNIO FEIJÓ

Dizia Oliveira Martins que o condão das belas obras era relerem-se indefinidamente. Há treze anos que se publicou a primeira edição do *Cancioneiro Chinês*. Desde então a poesia, sobretudo no mundo latino, passou pela mais vertiginosa e estranha evolução, resvalando da *nobleordonance* parnasiana até a anarquia quase caótica do decadismo, do simbolismo, do instrumentismo, do amorfismo e de outras fantasias prosódicas e métricas. E, todavia, a segunda edição

desse livro, eminentemente artístico, nada mais faz do que renovar em quem o lê a sensação de graça lírica, de finura conceptual, de impecável beleza plástica, que fez o sucesso dessa admirável e feliz adaptação do lirismo chinês à nossa língua.

O trabalho de Antônio Feijó conseguindo, através das versões francesas, tão maravilhosa transposição, sem estiolar a frescura emotiva do original, é um dos mais belos esforços de arte e de gosto que a poesia portuguesa do fim do século passado tentou e realizou. Com a maestria de um habilíssimo artífice da palavra, com a paciência meticulosa de um beneditino do verso, ele trabalhou, limou, burilou essas pequenas e graciosas joias, onde nos engastes da frase perfeita cintilam as gemas da emoção lírica. E como se não cingiu às fórmulas inconstantes da moda literária, como, em vez de martelar num molde o *plaqué* duma retórica falsa, lavrou o seu pensamento no ouro puro do verbo clássico, a sua obra não envelheceu, não desbotou, nada perdeu do seu brilho primitivo, e hoje, como há treze anos, fulgura com o inextinguível esplendor do talento.

É difícil apreciar bem uma versão, quando se não conhece a língua original da obra vertida. Mas mais difícil se torna ainda o fazê-lo, quando as duas línguas são tão dessemelhantes, de Famílias tão diversas, de estrutura fonética e até gráfica tão diferentes como são a nossa e a chinesa. Contudo, se pusermos em confronto esses lindos poemazinhos e as traduções da eminente sinóloga, madame Judith Gauthier, que verteu os originais chineses para prosa francesa, ficasse surpreendido com a exatidão, a fidelidade, o respeito metucioso do texto, a que Antônio Feijó se adstringiu no seu conscienciosíssimo trabalho. Não é dele que se poderá dizer: *tradutore, traditore*. Se os poemas chineses são o que a erudita filha do grande Téo nos revelou nas belas páginas do *Livro de Jade*, pode afoitamente dizer-se que o *Cancioneiro* de Antônio Feijó é a mais irrepreensível e leal das traduções.

Mas abstraíamos deste ponto de vista. Suponhamos que Antônio Feijó não buscou nos poetas chineses mais do que motivos líricos, para sobre eles ensaiar variações ou glosas. Suponhamos que o

Cancioneiro não é uma tradução, nem uma adaptação, mas a obra de um poeta europeu, finamente perfumada de orientalismo. Nem por isso a sua beleza seria menor, nem por isso seriam menos admiráveis os versos puríssimos dessa puríssima obra de arte. O autor teria, neste caso, afirmado mais poderosamente as suas faculdades de poeta e de artista, porque seria um semi-criador. E o *Cancioneiro*, reduzido a uma imitação, não diminuiria de valor sob o ponto de vista literário.

Portanto, tradução, adaptação ou imitação, esse belo livro é, de qualquer forma, uma obra superior. As excepcionais faculdades Poéticas de Antônio Feijó, a sua ponderação, o seu gosto, a luminosidade e elegância do seu verbo, o seu poder de linha e de colorido, a sua técnica admirável e conscienciosa, patenteiam-se nele de uma maneira brilhante, impõem-se triunfantemente à nossa admiração. O *Cancioneiro Chinês* marca em Antônio Feijó a plena afirmação da sua individualidade de artista — desta individualidade, que já as *Transfigurações*, um tanto frias nas suas linhas esculturais, e as *Líricas e Bucólicas*, mais vivas e emocionadas e não menos belas como forma, anunciavam prometedormente. Do *Cancioneiro Chinês* à *Ilha dos Amores* havia apenas um passo a dar. Antônio Feijó deu-o com raro brilho — e tornou-se um poeta consagrado, um verdadeiro mestre do verso.

O *Cancioneiro*, além do *Pórtico*, que abre com a exótica decoração e as sentenciosas inscrições de uma entrada de Pagode, foi acrescentado com *O sacrifício de Gu-So-Gol*, um canto soberbo de epopeia bárbara. Neste trecho Feijó como que põe mais uma corda na sua lira — a corda épica. O quadro desse sacrifício heroico é, realmente, grande e nobre. A flauta de Yade, que modulava as doçuras idílicas ou elegíacas do *Leque*, *Flor Vermelha*, *Casa no Coração*, *Batel das Flores*, *Esposa Honesta*, cede a vez à turba estridente que clangora as sublimidades do heroísmo. Os versos ressoam brônzeos, metálicos, como um ruído de armas. O seu ritmo alonga-se, ergue-se, empolasa-se, como uma vaga que o sopro da tempestade intumesce. E em todo esse belo episódio uma forte crispação trágica passa, fazendo-nos

vibrar de um confuso sentimento, misto de terror e entusiasmo épico.

LUÍS DE MAGALHÃES
Jornal da Noite, de 14 de agosto de 1909.

ÍNDICE

Prefacio, *por* Luís de Magalhães
Antônio Feijó, o que morreu de amor, *por* Alberto de Oliveira
Dedicatória
Elegia d'abertura

SOL DE INVERNO

I

Descendo a encosta do Parnaso (A João Arroio)
 A Armadura (Ao Dr. Goran Björkman)
 A cidade do Sonho (Ao Visconde de Pindela)
 Beatitude amarga (A Silva Ramos, da Academia Brasileira)
 Castelo bárbaro (A José d'Azevedo Castelo Branco)
 A Águia prisioneira (A Manuel da Silva Gaio)
 A Selva escura (A João Chagas)
 O Livro da Vida (A Antônio de Cardielos)

II

Díptico

" I
 " II Eu e Tu
 Paladinos (À Condessa d'Arnoso)
 " I Conde d'Arnoso, João
 " II Conde d'Arnoso, Bernardo
 Cabelos brancos, (A D. Tomaz de Melo Breiner)
 Sonambula (A João Caetano da Silva Campos)
 Cisne branco (A Alberto d'Oliveira)
 Suplica ao Vento (A Luís de Magalhães)
 Gota de água (A memória de A. Rodrigues Braga)
 A Ventura (A Antero de Figueiredo)
 Entre pinheiros e ciprestes (A meus sobrinhos Salvato e Rui)
 Rio amargo (A meu irmão Júlio de Castro Feijó)

III

Hino à Vida (A Agostinho de Campos)
 " " Beleza (A Eugênio de Castro)
 " " Dor (Aos Condes de Sabugosa)
 " " Alegria (A Carlos Malheiro Dias)
 " " Solidão (Ao Padre J. I. de Araujo Lima)
 " " " " Morte

Epílogo

LENDAS E FÁBULAS

Prelúdio

O Amor e o Tempo
Fábula antiga (A Manuel d'Oliveira Monteiro)
Cleopatra (A José Coelho da Mota Prego)
Mouro e Christã (A Antônio de Barbosa de Mendonça)
A resposta do Árabe (A João Gomes d'Abreu e Lima)
A vocação d'Ibrahim (A Aristides da Mota)
A Princesa encantada (A Alfredo da Cunha)
O Romance da Pastora Linda (Ao Conde de Bertiandos)
A Lenda dos Cisnes (A Júlio Dantas)

End of te Project Gutenberg EBook of Sol de Inverno, bi
AntônioFeijó